

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Dimensões psicológicas em equipe de base de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre
suas particularidades

Ribeirão Preto - SP

2022

THAIS PETRONI ROCHA LIMA SILVA

Dimensões psicológicas em equipe de base de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre suas particularidades

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obter o título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia, processos culturais e Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira.

**Ribeirão Preto
2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Silva, Thais Petroni Rocha Lima.

Dimensões psicológicas em equipe de base de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre suas particularidades / Thais Petroni Rocha Lima Silva ; orientador Cristiano Roque Antunes Barreira. – Ribeirão Preto, 2022.

93p.

Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. /Área de concentração: Psicologia, processos culturais e subjetivação.

1. Psicologia do Esporte. 2. Ciclismo. 3. Categoria de Base. 4. Pesquisa Fenomenológica.

Nome: Silva, Thais Petroni Rocha Lima

Título: Dimensões psicológicas em equipe de base de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre suas particularidades.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dra. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Ao Clóvis, por ser sempre minha continuidade e meu complemento.

À minha Ester, que apesar de muito nova, soube compreender e viver todo esse processo ao meu lado.

Pai e mãe, por continuarem vivos em mim.

AGRADECIMENTO

A Deus, por me amar infinitamente, corrigindo, fortalecendo e orientando ao longo de toda minha caminhada.

Ao Clóvis, meu grande amor, que me permitiu viver esse percurso, servindo de “porto” cada vez que eu precisava me renovar e fortalecer, e sempre me ajudando a levantar âncora para que desbravasse novos mares.

A Ester, minha pequena estrela, que me iluminou, compreendeu e aceitou me dividir com esse mestrado tão lindamente.

A Cristiano, meu querido orientador, que me aceitou (ainda que crua e sem experiência) e se manteve presente por todo trajeto, ensinando, impulsionando, compreendendo. Certamente, finalizo esse processo transformada, após seu empenho.

A Erika, que desde nosso primeiro encontro (naquele Anfiteatro) vem me ensinando a atuar como psicóloga do esporte e ser um ser humano melhor. Participou de inúmeros desafios comigo e nesse último aceitou se afastar, para nessa posição de avaliadora, poder contribuir ainda mais em minha formação.

A Luciana Angelo, que muito além de aceitar meu convite para compor minha banca, acolheu-me e vem me ensinando e conduzindo para lugares que nem imaginava que poderia chegar.

A Tia Carla, Tio Lu, Mônica e Roberto, minha família, por nesse período todo cuidar de Clovis e Ester quando eu não podia estar presente e por todo amor que sempre encontrei em vocês.

Aos meus amigos, Thaís e Dani e Carina e Léo, parceiros que escolhi pra viver perto pra sempre, obrigada por me aguentarem nesse período maluco, estar sempre perto e até por terem aprendido um pouco sobre fenomenologia por mim.

Aos integrantes do “Bonde do Cris”, que dividiram comigo todo esse período de aprendizados e descobertas, em especial aos queridos Rose, Rodrigo e Telma, que desde o início desse processo estiveram ao meu lado, auxiliando-me, amparando-me e sempre me socorrendo.

A Equipe de Ciclismo de Ribeirão Preto, todos os atletas e comissão técnica que por ela passaram, por contribuírem para minha formação, por todos esses anos de convívio e por colaborarem com a pesquisa.

Ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, e seus colaboradores, por me nortear e ensinar nesses anos de mestrado.

RESUMO

Silva, T.P.R.L. (2022). *Dimensões psicológicas em equipe de base de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre suas particularidades* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.

Este estudo configura-se como uma investigação sob uma perspectiva fenomenológica, com o objetivo de identificar e compreender as experiências e os desafios psicológicos vivenciados por atletas de categoria de base do ciclismo. Para tal, 9 atletas fizeram parte da amostra e passaram por dois momentos de entrevistas. O primeiro serviu como exploração de suas histórias de vida na modalidade, permitindo detectar acontecimentos significativos da prática para o atleta. O segundo momento de entrevista foi dedicado a explorar algumas questões mais específicas, a fim de permitir que os atletas pudessem se aprofundar no relato de suas experiências desafiadoras vividas na modalidade. À realização das entrevistas seguiram-se os movimentos de sua análise intencional. Com as reduções psicológicas realizadas, nos encaminhamos ao cruzamento intencional, passando do empírico ao essencial. Os resultados apontaram para um horizonte de experiências próprias a ciclistas em equipes de categoria de base. Neles se passa da singularidade da experiência de cada sujeito à generalidade da experiência tematizada. Esses resultados foram se compondo por meio de agrupamentos, e através desses elementos comuns, foi possível ir nos aproximando do sentido próprio do fenômeno buscado. Para tal, foram pensadas seis categorias, com temas que se entrelaçam entre si. São elas: Comunidade sobre duas rodas; Pedalar, exceder, reconhecer e novamente, pedalar; Não pode parar, não pode parar; O outro: o que marca e o que precisa ser marcado; Corporeidade e Ciclismo: muito além de pedalar. A partir delas, buscamos compreender o horizonte psicológico e os desafios correlativos ao comprometimento com o ciclismo por parte dos atletas de categoria de base. Os resultados apontaram para a identificação e compreensão das experiências dos atletas de base, como se propõe o objetivo, aproximando-nos da possibilidade de fazer uso desse conhecimento para a atenção psicológica a atletas da modalidade.

Palavras-chave: psicologia do esporte. ciclismo. categoria de base. pesquisa fenomenológica.

ABSTRACT

Silva, T. P. R.L. (2022). *Psychological dimensions in a cycling base team: a phenomenological study on its particularities* (Master's dissertation). Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, Brazil.

This study is configured as an investigation from a phenomenological perspective, with the objective of identifying and understanding the experiences and psychological challenges experienced by athletes of basic cycling category. For this, 9 athletes were part of the sample and underwent two moments of interviews. The first moment served as an exploration of their life stories in the modality, allowing to detect significant moments of practice for the athlete. The second moment was dedicated to exploring some more specific questions, in order to allow the athletes to delve deeper into the report of their challenging experiences in the modality. The interviews were followed by the movements of their intentional analysis. With the psychological reductions carried out, we are heading towards the intentional crossing, moving from the empirical to the essential. The results pointed to a horizon of experiences specific to cyclists in youth teams. In them, one passes from the singularity of each subject's experience to the generality of the thematized experience. These results were composed through groupings, and through these common elements, we can get closer to the proper meaning of the phenomenon sought. To this end, six categories were thought, with themes that intertwine with each other. They are: Community on two wheels; Pedal, exceed, recognize and again, pedal; Can't stop, can't stop; The other: what marks and what needs to be marked; Corporeity and Cycling: much more than cycling. From them, we seek to understand the psychological horizon and the challenges related to the commitment to cycling on the part of youth athletes. The results pointed to the identification and understanding of the experiences of base athletes, as proposed by the objective, bringing us closer to the possibility of making use of this knowledge for psychological attention to athletes of the modality.

Keywords: sport psychology. cycling. base category. phenomenological research.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Bicicleta: dos passeios às competições.....	14
1.2 Ciclismo e psicologia: sobre o estado da arte	18
1.3 A Base: o início de tudo	21
1.4 Transição de Carreira	23
1.5 Da base e avante - os desafios psicológicos do ciclista	26
2 OBJETIVO	28
3 METODOLOGIA.....	29
3.1 O método em síntese	29
3.2 Amostra.....	30
3.3 Entrevista Fenomenológica	31
3.4 Análise.....	34
3.5 Considerações Éticas	36
3.6 Redução Psicológica.....	37
<i>3.6.1 Bélgica (17 anos, 4 anos de prática)</i>	<i>37</i>
<i>3.6.2 Eslovênia (17 anos, 8 anos de prática).....</i>	<i>38</i>
<i>3.6.3 França (16 anos, 6 de prática)</i>	<i>39</i>
<i>3.6.4 Itália (16 anos, 5 anos de prática)</i>	<i>39</i>
<i>3.6.5 Reino Unido (16 anos, 9 anos de prática)</i>	<i>40</i>
<i>3.6.6 Países Baixos (17 anos, 5 anos de prática)</i>	<i>41</i>
<i>3.6.7 Espanha (15 anos, 4 anos de prática).....</i>	<i>41</i>
<i>3.6.8 Dinamarca (17 anos, 3 anos de prática).....</i>	<i>42</i>
<i>3.6.9 Austrália (14 anos, 3 de prática)</i>	<i>42</i>
4 RESULTADOS	43
4.1 Comunidade sobre duas rodas.....	44
4.2 Pedalar, exceder, reconhecer e, novamente, pedalar	48
4.3 Não pode parar, não pode parar	51
4.4 O outro: o que marca e o que precisa ser marcado	55
4.5 Corporeidade.....	58
4.6 Ciclismo: muito além de pedalar	62

5 DISCUSSÃO	65
6 CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS	85

1 INTRODUÇÃO

Visando uma finalidade prática e objetiva, essa investigação foi motivada por uma demanda do trabalho de sua proponente como psicóloga junto a uma equipe de ciclismo profissional que, durante os anos de 2012 a 2019, manteve-se nas primeiras colocações do ranking nacional. Devido à pandemia, algumas modificações se fizeram necessárias e, atualmente, a equipe está disputando as principais competições nacionais apenas com a categoria de base. Mais do que nunca, um desafio incide junto essa categoria, onde se formam os atletas com melhores condições de renovarem as principais equipes nacionais, e, quem sabe, reestabelecer a categoria Elite novamente. Situada aí, a temática apresentada é circundada ainda por uma história e pela cultura do ciclismo competitivo que encontra no Brasil estímulos bem inferiores aos dos países referenciais para o ciclismo como meio de transporte, como prática de lazer e como esporte. Nesse sentido, o desenvolvimento de um trabalho em Psicologia do Esporte mais efetivo junto às categorias de base do ciclismo, a fim de favorecer a formação de seus atletas, presume que se conheçam as experiências e desafios psicológicos por eles vividos.

Pouco após ser inventada na França, a bicicleta já começava a se difundir massivamente pelo mundo. Desde aqueles primeiros dias, raramente seus adeptos deixavam de experimentar a disputa de corridas descomprometidas. O gosto pelas mesmas não tardaria a se institucionalizar. Assim, sua existência contava apenas um século quando, em 1896, o ciclismo esteve entre as modalidades esportivas disputadas nos primeiros Jogos Olímpicos modernos. A popularidade do ciclismo esportivo varia de país para país e, ao menos no Ocidente, está intimamente relacionada à popularidade do uso da bicicleta no cotidiano de suas cidades. Os maiores ídolos esportivos em alguns países são seus ciclistas (Loudcher & Aceti, 2009). Embora muito usada no Brasil, o país não está entre aqueles em que a bicicleta goza de mais prestígio, seja no âmbito esportivo seja no que diz respeito a seu aspecto cívico. Quanto a esse, a existência de poucas ciclovias e o desrespeito aos ciclistas no trânsito urbano são marcantes, expressivos de variadas facetas das discriminações sociais no país e, às vezes, francamente violentos (Harkot, 2018)¹.

Na esfera competitiva, seus atletas não costumam figurar entre os mais bem classificados no mundo do ciclismo e não existem muitos ídolos esportivos brasileiros associados ao ciclismo.

¹ Marina Kohler Harkot, autora da dissertação citada e ciclotivista, foi ela mesma, atropelada e morta em sua bicicleta na cidade de São Paulo no dia 8 de novembro de 2020.

Sabemos que essa é a realidade de praticamente todas as modalidades, com exceção do futebol, no Brasil, que acaba refletindo a maneira que o esporte é pensado e (mal) tratado por aqui.

A história institucional do esporte no Brasil pode ser contada desde 1937, quando foi criada a *Divisão De Educação Física*, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura, que em 1970, se transformou no *Departamento De Educação Física E Desportos*. Em 1978, o departamento foi novamente transformado e se tornou a *Secretaria de Educação Física e Desporto*, ainda vinculada ao Ministério da Educação. Durante o governo de Collor de Melo (1990), houve o fim do vínculo ao Ministério da Educação e foi criada a Secretaria de Desportos da Presidência da República. Todavia, dois anos depois o esporte voltou a ser vinculado ao Ministério da Educação, com a Secretaria de Desportos². Esses 58 anos iniciais já foram dando o tom de como o esporte é articulado no país.

Em 1995, foi criado o *Ministério De Estado Extraordinário Do Esporte*, criando um espaço até então não ocupado pelo esporte, possibilitando a criação do INDESP - Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, desvinculado do MEC e subordinado ao Ministério Extraordinário do Esporte. O que apontava para um possível protagonismo, novamente dura muito pouco, e três anos depois cria-se o Ministério do Esporte e Turismo, deixando o INDESP, agora vinculado a este órgão. Dois anos depois, uma nova mudança, e acontece a substituição do Instituto pela Secretaria Nacional De Esporte. Foi então que em janeiro de 2003, houve novamente a separação das duas pastas, ficando o esporte com um ministério próprio. Parecia ali, ser um período em que o esporte teria espaço e articulações necessárias para buscar e proporcionar desenvolvimento as diversas modalidades no país³.

Sobre esse período, Mata (2011) em sua dissertação, afirma que o setor esportivo é formado por vários grupos, de diferentes abordagens ideológicas, filosóficas e políticas do fenômeno esportivo. Ela pontua que de um lado encontramos “grande empresários” na defesa do interesse privado do esporte de alto rendimento, visando o lucro e, por outro lado, um grupo “constituído na defesa do interesse público”, do esporte e do lazer enquanto direitos sociais.

Linhaes nos esclarece que:

[...] se por um lado, a pluralidade de interesses constitui-se como força propulsora do movimento de institucionalização e universalização do esporte, por outro, configura-se, também, como um fator desvirtuador do fenômeno esportivo, reduzindo-o, muitas vezes, a mero instrumento para a realização de fins externos a ele, os quais, no limite, podem comprometer

² www.arquivo.esporte.gov.br

³ www.arquivo.esporte.gov.br

sua própria existência. Nessa trajetória, a presença do Estado não é uma presença monolítica, unidirecional ou coerente. Ao se ocupar do esporte, o Estado incorpora, em sua atuação, as tensões e contradições que permeiam a instituição esportiva, além de se apresentar como um espaço no qual o esporte estabelece diferentes padrões de relacionamento com outras instâncias de poder, também organizadas no interior da esfera pública. Tais variações têm inspirado diferentes abordagens relativas à ação do Estado no setor esportivo. (Linhaes, 1996, p. 24).

Tanto as reflexões de Linhaes (1996) quanto as de Mata (2011) buscam retratar as disputas internas que sempre se fizeram presentes no Esporte, nas elaborações e implementações dos programas e projetos. Não à toa, vemos o reflexo disso nas mais diferentes modalidades brasileiras, que, apesar de imensurável talento humano, sofrem com dificuldades e falta de apoio aos seus desenvolvimentos.

Como se não bastasse todo esse cenário, em janeiro de 2019, o Ministério do Esporte foi transformado em Secretaria Especial do Esporte, dentro da estrutura do novo Ministério da Cidadania, perdendo protagonismo, força, prestígio e possibilidades de atuação.

Importante pontuar que, em 23 de fevereiro de 2022, uma luta relevante, traçada pela comunidade esportiva, ganhou uma batalha quando o Plano Nacional do Desporto (PND)⁴ foi transformado em projeto de lei e mandado ao Congresso para sua apreciação e votação. Tornar o esporte um direito social; a valorização da prática esportiva para o desenvolvimento integral do ser humano; colaboração entre agentes públicos e privados para o desenvolvimento do esporte e ética e jogo limpo em todas as manifestações esportivas são os princípios fundamentais que estruturam esse plano (Brasil, 2022, 25 de fevereiro).

Meira, Bastos e Böhme (2012), descrevem que a configuração organizacional das modalidades envolve vários níveis de implementação, operacionalização e controle, tanto nos níveis municipal e estadual (clubes ou entidades esportivas; associações e federações) e nacional e internacional (confederações, comitê olímpico).

Mosiah Rodrigues (ex-ginasta olímpico e presidente do Conselho Nacional de Atletas), na reportagem vinculada pelo Ministério da Cidadania, afirma que esse é um documento elaborado com estudos e amplo diálogo com diferentes setores do esporte, visando diretrizes que contemplem as diferentes manifestações esportivas, nos diferentes níveis de gestão, buscando melhores resultados.

A Confederação Brasileira de Ciclismo é o órgão responsável pela organização dos eventos e representação dos atletas das modalidades de ciclismo no Brasil. Atualmente é

⁴ Recuperado de <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cespo/noticias/texto-da-proposta-do-plano-nacional-do-desporto>

formada por 27 Federações (CBC), uma de cada estado, mas que acabam atuando de forma desarticulada. A Federação Paulista de ciclismo é a maior em números do país, possuindo 86% dos ciclistas federados e 80% das equipes inscritas⁵.

Como já pontuado, o ciclismo brasileiro não é uma modalidade destacada em notícias relativas a seus eventos, em transmissões televisivas e, muito menos, pela atração a novos praticantes. Isso parece ainda mais acentuado na modalidade Estrada (amostra de nossa pesquisa), que a cada dia perde mais espaço. No meio ciclístico, uma das razões assinaladas como justificativa para isso é o descompasso entre as federações e o poder público. Como o próprio nome sinaliza, os treinos e provas acontecem em ruas, avenidas e estradas, mas a falta de acerto entre essas duas partes, torna a prática perigosa e muitas vezes impossível de acontecer. O calendário de provas está a cada ano mais restrito, levando a um desânimo por parte das equipes e, conseqüentemente, à diminuição de suas categorias. Em busca de sobrevivência, as equipes acabam escolhendo manter apenas as categorias mais viáveis, motivo pelo qual, normalmente, as de base são eliminadas, tornando a renovação insuficiente. Rompe-se, desde o início, o estímulo ao processo de formação de atletas. Ou os garotos e garotas talentosos se inserem nas poucas equipes de base existentes, ou vão, por conta própria, inscrevendo-se em competições como atletas avulsos, torcendo para que serem notados e incorporados às poucas equipes ativas.

Esta condição sociocultural pouco estimulante deixa a cargo das poucas equipes brasileiras de ciclismo a busca e o desenvolvimento de recursos favoráveis à formação de atletas da modalidade. Se estes recursos passam pela conquista de patrocínios, pelo acesso e desenvolvimento de novas tecnologias, pelo aperfeiçoamento do uso de métodos de fisiologia esportiva, passam também pelo desenvolvimento de uma Psicologia do Esporte atenta às especificidades do ciclismo, às habilidades e aos desafios psicológicos vividos pelas categorias que formam e precedem a profissionalização de seus atletas.

1.1 Bicicleta: dos passeios às competições

A atratividade do ciclismo pode ser traduzida em números que estimam mais de meio milhão de competidores licenciados, mais de 1.500 ciclistas profissionais e dois bilhões de usuários de bicicleta em todo o mundo, segundo o UCI⁶. Não é pouco significativo o fato de que alguns dos países com maior tradição competitiva na modalidade, como Holanda,

⁵ <https://fpciclismo.org.br/>

⁶ www.uci.org

Dinamarca, França e Bélgica (primeira colocada no ranking mundial de ciclismo por equipes nos últimos 5 anos) por exemplo, sejam também alguns dos países em que a bicicleta é um dos mais populares e preferidos veículos usados para mobilidade urbana. Entre as 20 cidades mais preparadas para o ciclismo urbano, segundo o Ranking Copenhagense 2019, as cinco primeiras colocadas estão localizadas nessas nações. O ciclo ativismo se tornou uma bandeira internacional de luta pela cidadania, amparado nas causas ecológicas e da melhoria da qualidade de vida nas grandes cidades.

Pode-se supor um movimento em mão dupla, no qual a familiaridade da população com o uso de bicicletas favoreça a formação de atletas de alto rendimento, e o destaque desses atletas estimule a cultura da bicicleta nesses países. O que esses dados apenas sugerem, mas não traduzem, todavia, é a esfera mais propriamente humana desta atração pela modalidade.

Comunidades de prática são compostas por pessoas que compartilham uma preocupação ou paixão por algo que fazem, e aprendem como fazer melhor, ao interagirem regularmente (Wenger-Trayner & Wenger-Trayner, 2015). O conceito que descreve esse modo de compartilhamento já tem aplicação bem estabelecida em diversos setores (organizações, educação, associações), apresentando essas comunidades como uma poderosa fonte de conhecimento e aprendizagem. Não à toa, segundo Brasil, Ramos, Barros, Godtsfriedt e Nascimento (2015), as comunidades de prática têm sido apontadas como desencadeadoras de sentimentos de pertencimento e identificação também no meio esportivo. Nos meios urbanos, as experiências e dificuldades para pedalar que são partilhadas por quem elege a bicicleta como meio de transporte ou modalidade esportiva, muitas vezes ambas, fomentam uma interação estimulante entre certa “cidadania ciclística” e ciclismo esportivo.

Existem inúmeros grupos de pedal que propõe e organizam passeios, tanto de road bikes (bicicletas de estrada), quanto de mountain bikes. Trazer maior segurança, promover a socialização, gerar mais motivação para o esporte são objetivos comuns a essas comunidades que vem se tornando cada vez mais numerosas. Com o advento da pandemia, a busca por exercício físico ao ar livre fez com que a bicicleta se tornasse uma excelente escolha. Lojas ligadas ao setor do ciclismo aproveitaram esse crescimento e se tornaram espaços aglutinadores para essas comunidades que, além de promoverem a prática de uma atividade saudável, garantem espaço para muitas oportunidades de negócios e movimentação do setor. Afinal, quanto mais pessoas pedalarem, inseridas nesse fenômeno social de prática, domínio e comunidade (elementos fundamentais a uma comunidade de prática) maior será a familiarização, permitindo a detecção de talentos, motivando investimentos econômicos que se mesclarão entre o utilitário (transporte) e o treino/lazer.

O apreço dos espectadores pelas conquistas dos atletas e a própria adesão destes atletas às competições parecem convergir num fascínio comum (Gumbrecht, 2007). Até o final século XIX e início do século XX, a cultura física quase não possuía características esportivas e competitivas que afetassem tanto o estilo de vida das principais cidades ocidentais. Essa transformação foi ocorrendo aos poucos. Baker (2004) aponta que foi na Inglaterra que algumas destas práticas corporais assumiram uma forma mais organizada, levando ao desenvolvimento do esporte moderno. Webber (como citado por Lessa, 2016), aponta que desde sua origem, no final do século XIX, a bicicleta sempre esteve ligada ao progresso. Campos (2003) afirma que “a bicicleta foi apreciada como uma invenção francesa: foi o primeiro meio de transporte realmente popular e barato. Foi feito e usado por trabalhadores que se deslocavam para as cidades e se afastavam da órbita do artesanato tradicional, mas que ainda compreendiam as atitudes associadas a eles” (p. 158). A partir daí, o uso da bicicleta foi se popularizando, especialmente na França e Inglaterra. Através de um processo de “esportivação”, o ciclismo vai se formando competitivamente, complementando as finalidades de locomoção e diversão, e destacando-se como uma nova atividade desafiadora e exigente, possibilitando a transformação de trabalhadores e camponeses em heróis (Veloso, 2010).

Se por um lado há o óbvio destaque às qualidades físicas exigidas pelo pedal, por outro, coloca-se em cena a percepção daquilo que se sobressai esteticamente como uma excepcional força de vontade do ciclista no alto rendimento. No enquadre de uma modalidade complexa, que contempla características de modalidades individuais e também características de modalidades coletivas, esse desafio entre demandas físicas e psíquicas, atravessado por uma incomum força da volição, requer de seus praticantes o desenvolvimento de importantes competências psicológicas (Epiphany, 2019).

Em 1961, o célebre filósofo francês Roland Barthes (1915-1980) assinou o roteiro da narrativa do documentário *O esporte e os homens*, do canadense Hubert Aquin. Das virtudes dramatizadas para narrar as cenas do Tour de France, a resistência assume o topo do circuito. No mais, além da geografia, dos costumes e da história, é o ser humano que se coloca em questão. Algumas de suas belas palavras merecem leitura:

Não, o músculo não constitui o esporte: eis o que diz o Tour de France. O músculo, por mais prestimoso, nunca passa de matéria-prima: não é ele que vence. O que vence é certa ideia do homem e do mundo, do homem no mundo. Essa ideia é a de que o homem determina plenamente seus atos, e seus atos não consistem em dominar outros homens, e sim em dominar as coisas. (Barthes, 2009, p. 103).

As competições profissionais de ciclismo são divididas em categorias. O BMX⁷ pode ser considerado uma corrida em pista de terra preparada com obstáculos, como rampas, paredões em curvas e outros. Já a Mountain Bike é realizada em percursos tipo *off road*, isto é, em estradas e trilhas de terra com suas irregularidades naturais.

Há também um conjunto grande de provas que são disputadas em pistas fechadas (os Velódromos) e as provas de Estrada, sendo junto a atletas que se dedicam a estas últimas que o recorte dessa pesquisa se dobra. As provas de Estrada abrangem as corridas que são disputadas por equipes diferenciando-se com relação às distâncias percorridas e ao fato de terem apenas uma largada ou várias em uma mesma competição e as de contra relógio, que são divididas em dois tipos diferentes. Há as disputadas individualmente, na qual cada ciclista percorre de 15 a 80 km atrás de seu melhor tempo e também as disputadas por equipe, nas quais estas, de maneira semelhante às individuais, buscam a soma com o menor tempo possível. As provas mais célebres do ciclismo ocorrem ao longo de três semanas e são apelidadas de as Três Grandes Voltas, sendo elas o *Tour de France* (estreada em 1903), o *Giro d'Italia* (1909) e a *Vuelta a España* (1935).

Assim, observado mais de perto, mesmo quando se enfoca apenas o ciclismo de estrada, constata-se que uma diversidade de estilos de provas e maneiras diferentes de disputas ocasiona, paralelamente, uma grande complexidade ao desempenho e ao papel do ciclista. Todas essas diferentes maneiras de pedalar, ora individualmente, ora em equipe, enfrentando dias de competição quase sem descanso, longas quilometragens em percursos com os mais diferentes climas, variados relevos, tendo que lidar com desidratação, exaustão, dor e várias formas de perigos⁸, exigem que o atleta tenha sempre um mais profundo conhecimento de si próprio pedalando, repousando e enfrentando suas limitações em diferentes momentos.

Emblematicamente, a Psicologia do Esporte foi inaugurada por um estudo inspirado no ciclismo. Em 1898, Norman Triplett (Weinberg & Gould, 2017) conduziu um primeiro experimento de Psicologia do Esporte e de Psicologia Social, preocupado em saber se o desempenho de ciclistas era afetado pela presença ou não de outras pessoas pedalando junto. Ele havia notado que ciclistas pedalavam melhor quando o faziam em grupo, então, para apreciar sua ideia, fez um experimento em que um grupo de crianças disputaria uma espécie de “jogo”, no qual elas deveriam (algumas sozinhas e algumas em pares) enrolar uma linha de

⁷ A sigla BM tem o significado de Bike Motocross, seguida do X que expressa o cruzamento de uma bicicleta com uma Motocross.

⁸ O ciclismo está entre as modalidades esportivas mais perigosas e com o maior número de acidentes fatais entre os praticantes (Galvão *et al.*, 2013; Taylor & Kress, 2005).

pescaria o mais rápido possível no molinete. Ao medir os tempos, seu teste constatou que as crianças que trabalharam em pares tiveram um desempenho melhor do que as que trabalharam sozinhas, certificando assim a hipótese que notara inicialmente junto aos ciclistas.

1.2 Ciclismo e psicologia: sobre o estado da arte

A considerar pelo fato de o estudo inaugural na Psicologia do Esporte ter sido justamente com ciclistas, bem como pelo fato desta ser uma modalidade esportiva mundialmente praticada e disputada, a produção científica em torno dos aspectos psicológicos que envolvem a modalidade seria consideravelmente volumosa. Num primeiro olhar, contraintuitivamente, chama atenção que uma recente revisão sistemática sobre a Psicologia no Ciclismo de Elite tenha triado apenas 14 estudos (Spindler, Allen, Vella, & Swann, 2018). Este número sugere que existam poucos trabalhos com o olhar para os componentes psicológicos no ciclismo. A sugestão mostra-se enganosa quando se observa com mais minúcia a maneira como esses autores chegaram ao pequeno número de artigos examinados.

As escolhas dos autores para afunilar as buscas de sua revisão peneirou apenas estudos que relatassem mensurações empíricas com o uso de constructos psicológicos junto a amostras de ciclistas de elite. Todavia, antes de chegar aos 14 estudos examinados, tendo partido de levantamentos em bancos de dados eletrônicos, nas referências dos artigos localizados e numa triagem em revistas relevantes da área foram encontrados 1469 artigos. Portanto, trata-se mesmo de um número considerável de estudos com o ciclismo.

Os estudos de maior interesse para um diálogo científico com a proposta apresentada na presente pesquisa tematizam processos culturais e subjetivação, portanto, geralmente valem-se de abordagens qualitativas. Os filtros aplicados por Spindler *et al.* (2018), triaram apenas investigações com uma metodologia afinada à estudos com uso de metodologias quantitativas. Sendo assim, em meio àquele grande contingente de trabalhos excluídos da revisão, possivelmente existam estudos cujo diálogo com questões referentes a processos culturais e subjetivação seja profícuo.

Em uma recente busca, uma nova revisão foi encontrada, dessa vez já demonstrando a preocupação em triar estudos que almejassem entender os determinantes do comportamento dos ciclistas e suas chances de sucesso (Phillips & Hopkins, 2020). Um total de 44 artigos de pesquisa originais e 12 revisões foram considerados nesse trabalho.

Em uma operação de síntese dos resultados achados entre os vários estudos considerados, foi percebido que os desempenhos dos ciclistas profissionais são influenciados por diferentes dimensões, como dimensão individual de cada ciclista; dimensão tática e relações interpessoais; dimensão estratégica e dimensão global da modalidade. A partir dessa estruturação, foi realizada uma tentativa de entendimento de como elas podiam interagir para moldar o comportamento dos atletas e aumentar suas chances de sucesso.

Entretanto, encaminhando-se para as conclusões do estudo, limitações para haver a compreensão do desempenho dos ciclistas foram surgindo, uma vez que, para isso faz-se necessária uma abordagem que permita que os elementos sejam considerados em conjunto, ao invés de isoladamente (Phillips & Hopkins, 2020).

Esse fato é reforçado pela, ainda notável, falta de estudos e publicações que busquem analisar aspectos com foco na experiência de totalidade, nas quais, segundo Moustakas (1994), a busca de significados e essências da experiência, possam ambicionar atingir a totalidade do fenômeno. Nessa linha, a metodologia fenomenológica, se configura com atenção às especificidades do cotidiano e do mundo, através de um eixo qualitativamente objetivo, que permite clareza ao profissional com relação não só ao que pode e deve ser feito em determinada situação, mas, mais ainda a como sua atuação se dará (Telles, 2019).

A abordagem fenomenológica procura uma compreensão sempre renovada dos objetos estudados, com seu particular interesse em compreender os fenômenos como uma perspectiva qualitativa que não se basta na representação dos mesmos, mas almeja aprofundar-se até a espessura intencional que os constitui (Barreira, 2017).

Um fato interessante a ser percebido atualmente é que, embora fora do contexto esportivo de alto rendimento, diferentes estudos têm trazido a temática da bicicleta, e têm partido da atitude fenomenológica em suas opções metodológicas. Podemos citar como temas atuais desses estudos o Ciclismo Urbano (Hamer & Almeida, 2015; Troncoso, Arévalo, & Manfiolete, 2019) e o Cicloativismo (Leite, Pimenta, Gomes, Silva, & Silva, 2018; Troncoso *et al.*, 2019), que se configuram como movimentos que tratam a cultura da bicicleta como estratégia de mobilidade nas cidades brasileiras, na sustentabilidade ambiental e na qualidade de vida que esse estilo pode proporcionar. O levantamento bibliográfico sugere a ausência de pesquisas de caráter fenomenológico junto a ciclistas de alto rendimento e de base, o que caracteriza esta como uma investigação original no âmbito desta modalidade.

Por isso, a relevância e o potencial de contribuição inovadora da mesma, uma vez que as particularidades do objeto em seu contexto presumem um enfoque singular, motivado por uma situação objetiva.

Na prática, é sabido que importantes equipes de ciclismo mundo afora contam com acompanhamento psicológico, porém, não se encontram publicações relatando essas intervenções ou pesquisas amparadas nas mesmas para produzir conhecimento na área. O VII Congresso ABRAPESP de Psicologia do Esporte, sediado na EEFERP-USP em setembro de 2019, contou entre suas atividades com a “Roda de Conversa sobre o Ciclismo e a Psicologia do Esporte”. Durante essa atividade, um atleta, que na mesma semana havia retornado de uma temporada de treinos e competições na Europa, trouxe a informação de que as equipes europeias contam com assistência multiprofissional compondo seus quadros com médicos do esporte, nutricionistas, massagistas e, inclusive, psicólogos do esporte. Então, parece haver uma “política de silêncio”, em que as equipes guardam para si o que e como estão fazendo para melhorar suas marcas, devido à acirrada competitividade entre elas, levando a uma falsa sensação, segundo Epiphanyo e Batista (2020), de que pouco está sendo feito nessa área de cuidado, quando na verdade, pode estar havendo apenas uma baixa produtividade escrita a respeito dessa prática. Se um silenciamento como tal pode ser uma alternativa conveniente para as melhores equipes do mundo, o mesmo não se pode dizer para a realidade das equipes e dos circuitos competitivos no Brasil. Em um contexto culturalmente pouco favorável à modalidade, a produção, a visibilidade e o compartilhamento de conhecimento cientificamente embasado para a melhoria geral do desempenho das equipes, a começar pela própria formação de atletas profissionais, é um benefício, e pode-se dizer, uma necessidade para a evolução do ciclismo brasileiro.

Todavia, ainda que quase não haja publicações a respeito de como se dá na prática o trabalho do psicólogo do esporte junto à equipe multiprofissional das melhores equipes europeias, podemos observar um avanço com relação às pesquisas que buscam pensar modelos que privilegiem uma perspectiva que possa compreender as diversas transições enfrentadas por atletas de elite em sua totalidade.

Wylleman & Rosier (2016), em seu capítulo, nos proporcionam um passeio por modelos que levam em conta os diferentes focos nas transições que acontecem ao longo da carreira, que muito podem auxiliar quando pensamos na prática da Psicologia do Esporte. Podemos citar o modelo de Transição de Carreira Atlética, proposto por Stambulova em 2003, que vem fornecer uma perspectiva mais prática para alguns dos desafios de transições enfrentados pelos atletas ao longo de suas carreiras, nos apontando a importância de trabalhar no sentido de auxiliar os atletas a acharem “ajustes efetivos” entre as demandas das transformações que vão experimentando e seus recursos e estratégias de enfrentamentos. Esse enfoque oferece pistas de

como podem estar ocorrendo as intervenções específicas de psicólogos que atuam junto às equipes profissionais.

Atualmente, o HAC (Holistic Athletic Career) conseguiu delinear os estágios e transições normativas ocorridas durante a vida de um atleta, mostrando que elas não só coincidem, como influenciam o desenvolvimento dos atletas em todos os níveis de sua vida (Wylleman, Reints, & De Knop, 2013, como citado por Wylleman & Rosier, 2016).

Esse modelo, que norteou a conceituação de transições de carreira, vem fornecendo, de maneira significativa bases de aprofundamento e conhecimentos para psicólogos do esporte, uma vez que:

[...] não sendo usado apenas em pesquisas (Bruner et al., 2008; Debois, Ledon, & Wylleman, 2014; Pummell et al., 2008; Reints, 2011; Tekavc et al., 2015; Wylleman, Reints, & Van Aken, 2012), e também no desenvolvimento (contínuo) do apoio à carreira do atleta (por exemplo, Escócia, França, Holanda, Bélgica) (Bouchetal Pellegrini, Leseur, & Debois, 2006; Wylleman, Reints, & De Knop, 2013a), e ao desenvolvimento de diretrizes sobre dupla carreira na Europa (União Europeia, 2012). (Wyllerman, & Rosier, 2016, p. 273, tradução própria).

1.3 A Base: o início de tudo

Como mencionado, o desejo e estímulo para realização desse estudo é decorrência direta do trabalho exercido como psicóloga do esporte junto a uma equipe muito bem-sucedida, que era composta por duas categorias, a base, ativa e formadora, e a categoria profissional, a bem estruturada Elite. Por 7 anos (2012 a 2019), essa equipe manteve-se em destaque no cenário competitivo e investindo gradativamente em programas de aperfeiçoamento físico e psicológico. Infelizmente, por conta da pandemia e todo cenário econômico ruim trazido por ela, a equipe sofreu um grande revés e perdeu seus principais patrocinadores, obrigando seus diretores a encerrar a categoria Elite, liberando seus atletas a buscarem novos rumos em suas carreiras esportivas.

Felizmente foi possível, ainda, manter a categoria de base ativa, que hoje conta com 16 atletas. Um alento em tempos tão difíceis para o esporte, uma vez que as categorias de base são usualmente chamadas de “celeiros” das categorias profissionais, afinal, é nela que se potencializam os possíveis talentos a serem desenvolvidos. É sabido que a experiência esportiva nessa faixa de idade pode ser tanto uma condição que vulnerabilize e fragilize, como uma condição que favoreça o desenvolvimento psicológico desses meninos e meninas. Sendo

assim, faz-se necessário oferecer também aos atletas em formação oportunidades de reflexão e contínua re-significação de seu envolvimento com o esporte (Salomão, 2018; Vannuchi, 2017).

Rubio (2000) afirma que nesse período do desenvolvimento esportivo ocorre o desenvolvimento global da criança no que se refere aos aspectos emocionais, pedagógicos e psicossociais.

Gabarra, Rubio e Angelo (2009) apontam que o período da iniciação esportiva é marcado por uma “complexa rede de relações e de possibilidades de desenvolvimento” (s/p), destacando como componentes principais desse período o professor (treinador), a família e a criança. O professor que, por sua atuação direta com os praticantes, tem a possibilidade de “educar” e atuar como “agente transformador”; a família que pode facilitar esse período, investindo e proporcionando recursos para o bom desenvolvimento da prática, como pode gerar ansiedade e angústia, quando buscam, acima de qualquer coisa, o alto rendimento na prática e, a criança como personagem principal, por encontrar-se em um período de possibilidades de grandes aquisições motoras, cognitivas, psicológicas e sociais.

Markunas (2007) reconhece que o papel profissional do atleta começa a ser constituído bem cedo, ao longo da juventude, e essa construção ocorre junto a inúmeras descobertas da vida, podendo significar um processo complexo e de análise de valores fundamentais. Então, fica diretamente ligado ao desenvolvimento do papel profissional do atleta, a própria formação de identidade individual. Nesse sentido, Angelo (2019), traz a ideia de que “os papéis sociais e a adaptabilidade da carreira se fazem essenciais para a compreensão da trajetória esportiva” (p. 145).

Entre os desafios mais constantes no ciclismo está a renovação dos atletas da sua categoria profissional. Para que essa renovação não seja casual ou ocasional, o trabalho de formação de atletas desde as suas categorias de base é determinante. O que nos países com tradição de ciclismo pode acontecer até “espontaneamente”, dado o ambiente em que esse capital cultural é transmitido inclusive por herança dos costumes familiares (Januário, Morbi, & Marques, 2019), encontra no Brasil a necessidade de uma propulsão diferenciada⁹.

⁹ Guardadas as proporções, pode-se comparar a situação com a do futebol brasileiro há algumas décadas e com as iniciativas tomadas por outros países, como a Alemanha, a França ou o Japão, por exemplo. Enquanto o Brasil contava com uma “geração espontânea” de talentos nos campos de várzea e no cotidiano de uma modalidade que se praticava amplamente desde a infância, esses países investiram em programas organizados de formação de jogadores que teve importantes resultados, vide a conquista da Copa do mundo de Futebol de 2018 por uma seleção francesa composta por jovens saídos desses programas. Já há algumas décadas, modelos europeus de formação de jogadores têm sido replicados no Brasil, dada a insuficiência do mito da geração espontânea de atletas ou do dom de jogar bola (Giglio, Morato, Stucchi & Almeida, 2008).

Um levantamento de como questões típicas do momento de vida desses jovens e do envolvimento com a modalidade, internas e externas à prática, são vivenciadas e afetam seus comprometeros e desempenhos, a exemplo do tema da escolha profissional que incide em uma idade característica dos atletas de base, se conecta não apenas à volição dos ciclistas, mas ao modo como exercem, se comprometem e dão consequência às suas tomadas de decisão.

É fato que a literatura deixa lacunas importantes com relação a esse tema, especialmente quando pensamos em um olhar fenomenológico para o desenvolvimento de atletas em busca do máximo rendimento e aproveitamento, por isso, novamente, se justifica a importância que o presente trabalho pode ter na maneira de atuar junto a atletas nessa fase de formação, em especial do ciclismo.

Ângelo (2019) adverte que a carreira esportiva está relacionada muito mais com a “trajetória de vida do indivíduo”, do que com a instituição em que ele está vinculado (p. 145). Isso leva ao questionamento de como é possível oferecer recursos para que essa trajetória possa ser cuidada e orientada.

1.4 Transição de Carreira

É comum que a carreira esportiva seja vista, por seus espectadores, como cercada de glamour, certezas e facilidades decorrentes de uma condição física geneticamente privilegiada. Porém, longe dessa visão idealizada, encontramos, na realidade, um árduo caminho, que exige planejamento, dedicação, comprometimento e muita obstinação.

O desenvolvimento da carreira tem sido entendido por conter diversas fases. Wylleman e Lavalee (2004, como citado por Barros, 2015) consideram a carreira esportiva como “processo longitudinal”, formado por fases entrelaçadas às etapas de vida do atleta, seu grau de especialização esportiva, relações sociais e nível acadêmico.

No entanto, que o termo “transição de carreira” signifique um avançar de fases é uma perspectiva relativamente nova. Barros (2015) destaca que o termo aparece inicialmente no contexto esportivo através de Greendorfer e Blinde em 1985, estando ligado ao encerramento/desligamento da vida esportiva. Por muito tempo, os autores enfocaram o momento em que o atleta deixa sua carreira profissional e parte para a sua aposentadoria, como se vê, por exemplo, nos trabalhos de Allison e Meyer (1988) e Brandão *et al.* (2000). A grande preocupação estava em pensar e levar os atletas a refletir e se programar para essa etapa, que

inevitavelmente, chegaria a todos. Segundo Barros (2015), a falta de planejamento e dificuldades para enfrentar essa passagem estariam relacionados à adição a drogas e até suicídios entre atletas em final de carreira.

No ano de 2020, Stambulova, Ryba e Henriksen produziram um artigo, que continha uma síntese da nova posição que a Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP), gerada a partir da necessidade de se repensar e atualizar os conhecimentos sobre a carreira do atleta, com a finalidade de promover mais conhecimento nesse tema e buscar detalhar como as transições ocorridas ao longo do tempo, precisam levar em conta o atleta como um todo (ACD). Nesse novo olhar, as principais conceituações vão no sentido de pensar o atleta como uma pessoa integral, praticante de esporte em conjunto com as demais questões da vida; com um desenvolvimento holístico, ou seja, complementado por camadas psicológicas, psicossociais, acadêmico-profissionais, financeiras e legais num processo contínuo e integrado, onde as passagens são vistas como fases envolvendo reconhecimento e enfrentamento de demandas, que podem levar a resultados bem-sucedidos ou menos bem-sucedido. Isso possibilita pensar na carreira esportiva como “atividades esportivas de um indivíduo durante diversos anos visando seu aperfeiçoamento e conquistas no esporte e que compreende as diferentes fases do desenvolvimento do atleta” (Barros, 2015, como citado por Ângelo, 2019, p. 145).

Stambulova (1997, como citado por Brandão *et al.*, 2000), “identificou cinco fases de transição dentro da carreira esportiva de um atleta: início da especialização esportiva; treinamento intensivo dentro da categoria escolhida; transição para a categoria adulta seguida da obtenção de altas marcas ou resultados; passagem de amador para profissional e transição do topo para o início do fim de carreira” (p. 54).

Todo esse trânsito de contextos gera diversos sentimentos e necessidade de planejamento, a fim de desenvolver habilidades e competências para o enfrentamento das situações que as diferentes fases apresentam.

Na União Europeia, a mobilização em torno dessa condição vivida pelos jovens atletas resulta, no ano de 2012, na publicação de um documento destinado a estabelecer um padrão mínimo para a o programa de dupla carreira junto aos países membros. Trata-se de um trabalho coletivo intitulado “Diretrizes da UE sobre Carreiras Duplas de Atletas: Ações Políticas Recomendadas em Apoio a Carreiras Duplas no Esporte de Alto Rendimento”.

Stambulova e Wylleman (2015) trazem o conceito de dupla carreira (DC), como uma carreira com foco principal no esporte e estudos ou trabalho, ou seja, uma visão que possibilite o acompanhamento das mudanças que acontecem, ao mesmo tempo, na vida esportiva e acadêmica dos atletas.

Segundo Wylleman e Rosier (2016), a transição que ocorre quando os atletas passam a integrar as categorias profissionais (Elite) acontece em um período em que estão também passando para um novo nível na educação (Ensino Superior) e, nessa fase, novas competências serão exigidas nesses dois aspectos, em especial na parte acadêmica, uma vez que precisarão assumir outros tipos de responsabilidades (lidar com faltas, remarcar exames, administrar estudos). Dessa maneira, um sistema de apoio que possa proporcionar aos atletas condições de desenvolverem competências e ferramentas para lidarem com esses novos desafios se faz extremamente importante para uma carreira bem-sucedida.

Dessa forma, o equilíbrio na administração dos desafios, tanto na carreira atlética quanto na acadêmica, mostra-se como a essência do bom processo e, posteriormente, na adaptação dos atletas em seu período de aposentadoria esportiva.

Stambulova nos possibilita ter uma visão mais abrangente, quando ilustra seu “modelo de transição de carreira atlética” (Stambulova, 2003), no qual “o processo de transição é definido como o enfrentamento de um conjunto de demandas ou desafios de transição usando estratégias de enfrentamento relevantes e levando em consideração recursos e barreiras internas (relacionadas à pessoa) e externas (relacionadas ao meio ambiente). Os resultados da transição e os caminhos relevantes mostram-se dependentes da eficácia do enfrentamento” (Stambulova, 2016, p. 257, tradução livre).

O fato da escolha para a amostra da presente pesquisa ser atletas das categorias de base do ciclismo, nos lança a um maior detalhamento nesse período específico de transformações. Jean Côté (1999), com a investigação intitulada *The influence of the family in the development of talent in sport*, mostrou no trabalho com jovens atletas e suas famílias que a transição para o esporte de elite é um período de grande desenvolvimento de carreira e, concomitantemente, impele o atleta a fazer decisivos investimentos no esporte. Ainda nesse artigo, Côté discute a respeito da influência da família no que ele define como três estágios iniciais: a primeira etapa do envolvimento com o esporte, os anos de amostragem, idades de 6 e 13 anos; a segunda fase como os anos de especialização, idades de 13 e os 15 anos e após aos 15 anos, são chamados de etapa de investimento, nos quais o atleta passa a se comprometer em buscar atingir um nível de elite de desempenho em sua modalidade escolhida.

Nos primeiros anos, os pais atuam como propagadores de que o esporte é um valor importante na vida de seus filhos, servindo com encorajadores para seus envolvimento nas atividades esportivas. Com o passar do tempo, chegando à fase de especialização, a família passa a exercer um novo papel, de apoiadores comprometidos com a decisão de seus filhos em

se dedicarem a um esporte e a se aperfeiçoar nele, fazendo inclusive, sacrifícios em suas vidas pessoais e familiares para permitir que seu filho-atleta tenha ótimas condições de treinamento.

Um dado importante apontado por esse estudo, é que, nessa fase, irmãos mais velhos tiveram uma influência positiva na decisão da criança-atleta de se especializar e focar seu esforço no esporte.

Stambulova (1994) define algumas crises que podem aparecer nessa etapa de passagem dos atletas que estão caminhando para o alto rendimento. Ela define que apesar de haver alguma dificuldade em atingir o nível mais alto do esporte, o mais complexo passa a ser sustentá-lo. Então, os objetivos do esporte tornam-se os principais objetivos da vida desses atletas, concentrando todos os esforços na adaptação às novas demandas dos esportes adultos de alto rendimento com novos níveis de competitividade.

A autora ainda traz uma lista de estratégias importantes a serem adotadas nessa fase, tais como: a necessidade de combinar objetivos de vida como a escolha de profissão com os objetivos esportivos, levando a uma mudança correspondente no estilo de vida, com restrições e adequações; a necessidade de começar a achar seu próprio estilo esportivo, ao invés de um compilado de estilos “copiados” de outros atletas mais experientes; a necessidade de enfrentar os afunilamentos e pressões da carreira cada vez mais competitiva; a necessidade de ganhar prestígio e autoridade em sua própria equipe e entre colegas e espectadores e a necessidade de lidar cada vez mais com as crises das relações interpessoais, tais como atleta-treinador; atletas iniciantes em esportes de elite - atletas / veteranos de esportes de elite; e pais-atletas.

A maneira de lidar com essas dificuldades está ligada tanto à aquisição de experiências esportivas e maturidade pessoal quanto à ampliação da identidade do atleta.

1.5 Da base e avante - os desafios psicológicos do ciclista

Se há uma literatura consistente a respeito dos desafios próprios à fase de transição de carreira que leva da base à profissionalização esportiva, o mesmo não pode ser afirmado no que se refere aos desafios psicológicos enfrentados especificamente pelo ciclista, conforme já se pontuou. Assim, apesar da similaridade genérica do mundo esportivo, de suas experiências psicológicas e desafios, além do presente estudo se concentrar na esfera específica dessa modalidade, não interessam apenas os aspectos próprios à transição de carreira, mas tudo aquilo que compareça com relevo psicológico nas experiências vividas por ciclistas da base.

No entanto, é válido mencionar alguns profissionais da área de Psicologia, como Carla di Pierro¹⁰ e Arthur Ferraz¹¹, que, embora não estejam diretamente ligados à produção científica, têm trazido contribuições para a compreensão da prática esportiva a partir de suas intervenções profissionais e de seus relatos de experiência, em especial nas modalidades que compõem o triatlão, como o ciclismo. Através de podcasts, blogs e publicações, suas produções ilustram a aliança de suas próprias experiências, enquanto atletas amadores, às suas formações em Psicologia, apresentando um conteúdo que dialoga com o dia-a-dia e as especificidades vividas no esporte. Ali, a preocupação não é com o rigor científico tampouco com a produção conceitual que ampara a atividade profissional, mas sim com estabelecer um canal de divulgação e valorização da esfera psicológica que atinja diretamente o interessado final, o atleta, seja ele amador ou profissional.

De modo semelhante, como já foi mencionado, foi através da experiência prática de atuar junto a ciclistas, que caminhamos na direção de conhecer *quais são e como* essas experiências constitutivas das historicidades pessoais dos ciclistas de base levam esses jovens avante. Fenomenologicamente, as historicidades singulares que os acomunam enquanto ciclistas de base precisarão ser traduzidas – ou *convertidas* – naquilo que se passa de essencial ao longo dessa duração, em outras palavras, no horizonte de intencionalidade que estrutura a percepção própria do ciclista nessa fase. Uma vez feito isso, será possível saber como os processos culturais inerentes à prática esportiva comprometida no ciclismo conferem uma subjetivação que habilita esses jovens a avançarem no enfrentamento das adversidades e desafios próprios à modalidade.

¹⁰ Psicóloga, especialista em Psicologia do Esporte (SEDES), psicóloga da Care Club e do Núcleo de Alto Rendimento do Grupo Pão de Açúcar, atua na preparação psicológica de atletas olímpicos, psicóloga da seleção brasileira de Karatê e triatleta amadora há 24 anos, tendo participado de provas como Ironman Brasil, L'Etape do Tour de France e da Maratona de Paris (<https://www.minhavidia.com.br/especialistas/21934-carla-di-pierro>).

¹¹Psicólogo, especialista em Psicologia do Esporte, responsável pela preparação mental de atletas olímpicos de diferentes modalidades nos jogos de verão e inverno. Psicólogo do Clube Paineiras do Morumbi, já trabalhou com as confederações de desportos aquáticos e desportos de inverno. Pratica triathlon há 17 anos, somando 13 ironmans e 4 participações em kona. (<https://trilo.com.br/coluna/arthur-ferraz/>)

2 OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é identificar e compreender, sob uma perspectiva fenomenológica, a partir de relatos em primeira pessoa, as experiências e os desafios psicológicos vivenciados por atletas de categoria de base do ciclismo.

3 METODOLOGIA

3.1 O método em síntese

Em qualquer estudo científico, o objeto é algo que permeia a curiosidade do pesquisador, e na investigação fenomenológica é decisivo haver a compreensão de que o objeto de uma investigação como tal, é um objeto de experiência, o que remete diretamente à intencionalidade. Conceito central para a fenomenologia clássica, a intencionalidade ou *consciência intencional* designa a relação constitutiva entre subjetividade e objetividade (Barreira, 2017). Logo, a pesquisa fenomenológica em psicologia reenvia, ao longo de todo o seu trajeto, as problematizações epistemológicas que dizem respeito à própria natureza do fenômeno psicológico, bem como a seus correlatos materiais e culturais, ditos também, numa terminologia mais técnica, hiléticos e espirituais. Embora apenas aludamos a este reenvio, cabe destacar que ele já comparece no fato de que um objeto de experiência não é um constructo psicológico, mas, precisamente, o não uso de constructos, a fim de que o fenômeno psicológico se desvele conforme os relevos daquilo que é vivido em primeira pessoa. Ou seja, enquanto pesquisas de outras abordagens podem se edificar lidando com fatores objetivos ou com a subjetividade a partir de procedimentos técnicos ou interpretativos, a pesquisa fenomenológica faz o percurso inverso, dirigindo-se àquele momento anterior a qualquer separação entre sujeito e objeto, o alicerce sobre o qual qualquer discurso a respeito do fenômeno se torna possível.

Visto isso, a presente pesquisa mantém-se no recorte qualitativo, fundamentando-se na perspectiva fenomenológica, com a intenção de buscar um conhecimento descritivo e, no limite, estrutural da experiência desses atletas. O enfoque fenomenológico foi pensado como adequado ao estudo do tema uma vez que, direciona seu método para a compreensão da subjetividade dos sujeitos.

Uma pesquisa qualitativa na perspectiva fenomenológica se concentra na busca de significados e essência da experiência, na expectativa de atingir a totalidade do fenômeno (Moustakas, 1994, como citado por Andrade e Holanda, 2010, p. 260). E, para tal, inicialmente, nos concentramos em pensar o tema a ser pesquisado, que entendemos como problematização, e a partir dele delimitarmos nosso objeto e objetivo. O próximo passo é pensar em uma ferramenta que nos possibilitará essa busca, que em uma pesquisa fenomenológica pode se dar através da entrevista fenomenológica. Com os relatos já “colhidos”, a análise fenomenológica é feita por meio do cruzamento intencional e a partir da chamada redução fenomenológica.

Depois de mostrados os sentidos atribuídos pela experiência pessoal de cada participante, passa-se ao cruzamento intencional que se apoia na comparação entre todas as entrevistas para que se evidencie sentidos comuns presentes nelas enquanto vivências constituintes do fenômeno.

3.2 Amostra

Tomar o objeto dessa pesquisa como “as experiências e os desafios psicológicos vivenciados por atletas de categoria de base do ciclismo” requer uma amostra intencional capaz de dar acesso às experiências almeçadas, assim como o delineamento de meios adequados para acessá-las.

A amostra intencional foi então composta por atletas de base da Equipe de Ciclismo de Ribeirão Preto, de idades que vão desde doze anos aos dezoito anos. No período que foram realizadas as entrevistas, a categoria de base era composta por 15 atletas, era mista e todos os atletas foram convidados a participar das entrevistas. Apesar de realizarmos entrevistas com participantes dos dois sexos, não foram identificadas diferenças relacionadas como particularidades enquanto questão de gênero.

No total, 9 atletas fizeram parte da amostra¹², com idades de 12 a 18 anos, com no mínimo 3 anos de prática na modalidade. O número de entrevistas realizadas foi de encontro ao tipo de investigação proposta, atingindo a condição de saturação. A saturação refere-se a uma ocasião em que não se percebe o surgimento de nenhum novo elemento significativo nas entrevistas que amplie a qualidade de descrição do fenômeno (Loureiro, 2006). Na *atitude natural* equivale à percepção de uma repetição sistemática de sentidos relativos à experiência investigada. Já na atitude fenomenológica, essa repetição dá lugar a uma apreensão do fenômeno como um todo, isto é, de modo suficiente para uma análise que evidencie sua estrutura intencional.

Importante pontuar aqui que a escolha da amostra com atletas dessa equipe foi feita em razão do fato de que a proponente da pesquisa é atualmente sua psicóloga, realizando um trabalho junto a esses atletas nos últimos 5 anos. Essa condição não somente acarreta maior facilidade para a coleta de dados, uma vez que o acesso aos atletas, aos seus responsáveis legais e à comissão técnica é facilitado por esse convívio, como foi ela que gerou a demanda pela produção de um conhecimento cujo impacto para a modalidade tem importante potencial.

¹² Inicialmente eram 10 atletas compondo a amostra. Contudo, um dos atletas participantes, por questões pessoais, saiu da equipe e, por consequência, não concordou mais em participar de nossa segunda entrevista, tendo sua participação descartada.

3.3 Entrevista Fenomenológica

A chamada “coleta de dados” dessa pesquisa fez uso de entrevistas semiestruturadas, contendo perguntas disparadoras e mobilizadoras, que foram realizadas remotamente, devido aos protocolos estabelecidos pela pandemia, através dos softwares Skype e Google-Meet, além de terem sido áudio-gravadas mediante a aprovação dos atletas, supervisores e/ou responsáveis legais dos clubes e transcritas na íntegra, conforme os cuidados éticos. A pesquisadora iniciou as entrevistas somente após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE 32811220.0.0000.5407).

A entrevista fenomenológica se apresentou como o instrumento principal da presente pesquisa, uma vez que vem responder ao interesse pelo objeto, e consiste num processo de interlocução entre um entrevistador e um entrevistado, em que a conduta do primeiro direciona a abordagem de uma temática específica a ser relatada pelo segundo, preferencialmente do modo mais rente possível à sua própria experiência vivida (Barreira, & Ranieri, 2013). Trata-se de executar a *escuta suspensiva*, operação que aplica no diálogo as prerrogativas do método fenomenológico. Segundo Barreira (2017) e Barreira e Ranieri (2013), este direcionamento corresponde à clareza do entrevistador de que ele almeja colher uma experiência cujo sentido ele não tem propriedade, mas é antecipado de modo não preenchido, vazio. É desse sentido vazio e da curiosidade do pesquisador em preenchê-lo a partir das experiências relatadas pelo entrevistado que decorre a entrevista fenomenológica.

Assim, a cada preenchimento gradativo de sentido, acompanham-se experiências de desconforto do pesquisador que o levam a agir a fim de captar melhor um sentido insinuado, mas não revelado, ou até não compreendido pelo entrevistador. O entrevistador deve se encarregar de transformar esse desconforto em questões que vão, cada vez mais, clarificando o fenômeno na medida em que, a cada resposta, venha à tona uma nova expressão que evidencie melhor em sua experiência compreensiva a experiência vivida e expressa pelo entrevistado. Duplo par de movimentos experienciais, portanto, de escuta, de acompanhamento e compreensão do pesquisador, de fala, contato e expressão do vivido pelo entrevistado. Dessa forma, as questões que vão sendo feitas pelo entrevistador antecipam um possível preenchimento de algo desse vazio de sentido, que, todavia, não deve ser preenchido por ele mesmo, por suas próprias pré-disposições, suas crenças em respostas possíveis, mas mobilizar a abertura a um novo preenchimento a partir do pedido de sua elucidação por parte do entrevistado no momento da entrevista (Barreira, 2017; Barreira & Ranieri, 2013).

Outro aspecto importante no universo da entrevista fenomenológica é a *empatia*. Diferentemente do conceito usualmente entendido na Psicologia, de ser o exercício de se colocar no lugar do outro, o termo empatia para a fenomenologia pode ser entendido como a percepção do outro enquanto outro eu.

Segundo Barreira e Ranieri (2013), a empatia está presente em toda relação humana em diferentes graus. Este vínculo permite compartilhar elementos essenciais e determinantes do movimento subjetivo e na entrevista fenomenológica o ato empático permite que o pesquisador consiga compreender o sentido da experiência do sujeito. Os autores ainda insistem que, para o entrevistador, os seus objetivos devem estar bem claros enquanto fenômeno, devendo o mesmo sempre focá-los, reconduzindo, assim, a entrevista para a experiência vivencial, caso haja o desvio para a experiência imprópria, ou fala secundária (Amatuzzi, 2007). Quando se refere a essa *fala segunda*, Amatuzzi aponta para uma fala mais corriqueira, ordinária, através da qual os sujeitos apresentam objetos e inter-relacionam-se com habitual. É uma fala que não acrescenta nada de novo. Entretanto, ele pontua que ainda que inautêntica, ela contém pistas dinâmicas para o que poderá se tornar original. Há uma camada que pode ser ultrapassada para se chegar, no que ele chama, baseando-se em Merleau-Ponty, de *fala primeira*. Essa, por sua vez se mostra sedimentada em significações. É uma fala autêntica, que decide e desencadeia algo, não apenas traduz, mas cumpre uma intenção, define o autor. É uma expressão que tateia em torno de algo que nunca será completamente esgotado. Nela, um novo sentido se cria, desencadeando movimentos transformadores do ser.

Foram realizadas duas entrevistas com cada atleta. Uma inicial e mais abrangente, voltada à exploração da história de vida do atleta. Essa entrevista, através de perguntas disparadoras previamente estabelecidas, buscou mobilizar os sujeitos a entrarem em contato com diferentes memórias, que contribuíram para sua formação pessoal na modalidade, além de permitir que eles consigam começar a tomar consciência sobre suas experiências. Sabe-se que contar histórias é necessariamente um processo de atribuir significados e o pedido para alguém contar sua história pessoal leva ao desenvolvimento de uma narrativa sobre a experiência vivida, cujo processo passa por contemplar o próprio passado, selecionar momentos significativos, retomar os detalhes construtivos da experiência, refletir sobre eles, e ordená-los narrativamente. A segunda entrevista foi mais específica e voltada a aprofundar as experiências. Ela contou com algumas perguntas norteadoras, que foram pensadas a partir dos relatos e falas trazidos na primeira entrevista, buscando facilitar essa volta às próprias experiências desafiadoras na modalidade, apresentadas de modo a encorajar o relato de como foram vividas. As perguntas norteadoras buscam encorajar os sujeitos a revisitar suas experiências,

proporcionando assim, que as contêm, de modo a, nesse processo, chamar os sujeitos – entrevistado e entrevistador - a elas. Não se trata de proceder a um discurso, ainda que, inicialmente, conceda-se que a fala possa ser discursiva, mas de narrar, de contar aquilo que se passou, aquilo que se viveu, numa retomada expressiva da experiência que permite a sua compreensão, no limite, sua compreensão como vivência, na maneira como ela afeta e como move o sujeito que a vive.

A primeira entrevista, então, buscou estabelecer o contexto da experiência dos participantes, permitindo, através da narrativa de suas histórias pessoais, que pudessem reconstruir os detalhes de suas experiências. Trata-se de apreender o horizonte pessoal e histórico em que estão situadas as experiências que delineiam o objeto da pesquisa. Para isso ela foi pensada e planejada de modo coerente e conseqüente ao objeto já estabelecido da pesquisa. Isso significou investir na formulação de questões que pudessem abrir o sujeito às experiências que estão sendo investigadas, permitindo uma exploração das mesmas conforme o sujeito as viveu.

Questões norteadoras foram pensadas para compor esse primeiro momento. São elas: “fale sobre o seu início no ciclismo”; “ao longo de sua trajetória, você vivenciou desafios? Se sim, como foram esses desafios” e, “você percebeu alguma mudança em suas experiências após vivenciar esses desafios? Como foi isso para você?” Ao longo de cada encontro, novas questões surgiram como complementos a essas questões, permitindo a exploração específica daquilo que era contado, a partir de vazios compreensivos ou mesmo daquilo que foi aparecendo ao longo do encontro, permitindo um aprofundamento ainda maior nessas experiências.

A partir desse primeiro momento de entrevista, gatilhos para exploração do horizonte de experiências e desafios significativos foram surgindo, nos permitindo construir a segunda entrevista, como já mencionado, mais específica e voltada a aprofundar as experiências pessoais. Esse segundo roteiro foi pensado de forma individual para cada atleta, sendo particularizado em razão das respostas dadas às primeiras entrevistas. Suas perguntas visavam designar e facilitar a volta às próprias experiências, identificadas na primeira entrevista, como uma maneira de encorajar a “reviverem” aqueles fatos, para trazer mais detalhes nesse novo encontro.

Seidman (2013) nos aponta que “na raiz da entrevista em profundidade está o interesse em compreender a experiência vivida de outras pessoas e o significado que elas fazem dessa experiência” (p. 9, tradução livre). Em seu livro, ele propõe a utilização de três momentos de entrevista, com a finalidade de permitir que tanto o pesquisador quanto o sujeito, possam explorar sequencialmente a experiência vivida, contextualizá-la e refletir sobre seu sentido.

Aponta também que essa abordagem permite que características que aumentem a obtenção de validade e confiabilidade sejam incorporadas, uma vez que permite que os entrevistados entrem profundamente em contato com suas vivências, solicitando que eles as reconstruam, ao invés de apenas lembrarem-se delas.

3.4 Análise

A análise fenomenológica é feita por meio do cruzamento intencional, um processo de múltiplas reduções fenomenológicas, iniciadas pelo que consiste em uma abstenção de toda a experiência prévia acerca do objeto. Essa abstenção da validade de experiência prévia não equivale a negá-la, mas sim a resguardá-la para que o fenômeno emerja a partir da experiência do outro e se mostre em sua plenitude. Depois de mostrados os sentidos atribuídos pela experiência pessoal de cada participante, passa-se ao cruzamento intencional que se apoia na comparação entre todas as entrevistas para que se evidencie sentidos comuns presentes nelas enquanto vivências constituintes do fenômeno (Barreira & Ranieri, 2013). A redução e o cruzamento buscam, portanto, descrever a correlação entre o objeto da experiência e a experiência deste mesmo objeto, tomando-a como experiência vivida. Neste caso, chega-se com estes procedimentos à descrição essencial das experiências vividas por atletas de base.

Em um primeiro nível de análise, foi realizada a *redução psicológica* de cada primeira entrevista, o que só acontece após a entrevista ter sido realizada e transcrita. A pesquisadora lançou mão da orientação fenomenológica para retomar aquilo que comparece como experiência no percurso relatado por cada um deles. É um olhar cuidadoso, sem precedentes teóricos ou de outros relatos, que busca a experiência presente em cada relato transcrito, indo mais na direção de fazer um encadeamento das experiências psicológicas e desafios descritos pelo entrevistado. Essa análise inicial, buscou compreender o fenômeno tal e qual é vivido na singularidade de cada sujeito. Seu comprometimento com o objeto da pesquisa é, portanto, apenas parcial e subjetivo-relativo, pois vai identificar como nosso objeto comparece para cada um dos atletas.

Giorgi (2012) pontua que nesse momento o pesquisador realiza um processo de converter os relatos trazidos pelos sujeitos em expressões que desvendam mais diretamente a importância psicológica daquilo que o sujeito está trazendo. Para o autor, é nessa hora que o “o valor psicológico do que o sujeito disse é explicitado para o fenômeno em estudo” (Giorgi, 2012, p. 5). Entretanto, no modelo proposto por Barreira (2017), a redução psicológica

corresponde “à singularidade da experiência originária do sujeito empírico entrevistado, portanto a retira do mundo natural e a descreve como *consciência intencional* do objeto enquanto pessoalmente percebido” (p. 347). O autor nos aponta que essa redução não deve “desarticular inteiramente” a experiência de sua conexão com acontecimentos trazidos pelo sujeito. Nesse sentido, em nosso estudo, nos propusemos a realizar a redução psicológica de maneira a colocar entre parênteses tudo que não corresponde àquilo que é do registro do relato biográfico, visando apresentar o encadeamento de experiências individualmente vivenciadas. Nossas reduções psicológicas, portanto, permitem situar empiricamente, junto a cada sujeito entrevistado, aquela descrição que, na análise final, prescindirá da historicidade pessoal, da situação em que emergiu empiricamente.

Durante a realização da redução psicológica de cada primeira entrevista com cada atleta, pesquisadora e seu orientador, passaram a construir os roteiros para as entrevistas de aprofundamento de cada atleta. Nesse momento, cada entrevista foi relida e falas significativas foram destacadas e transformadas em perguntas que levariam os sujeitos a se aprofundarem ainda mais em suas experiências para descrevê-las ainda melhor, nesse segundo momento de entrevista.

Após a realização de todas as entrevistas e das reduções psicológicas, fez-se necessário um movimento de análise intencional do objeto de experiência propriamente dito, que tem sido chamado, no modelo de investigação empírica pautada na fenomenologia clássica, de “*cruzamento intencional*”. Trata-se de um procedimento que considera os significados das experiências vividas pelos sujeitos, mas não se basta neles, uma vez que mira a compreensão destas experiências em sua configuração e em sua constituição intencional (Barreira & Ranieri, 2013, p. 465). A comparação entre as entrevistas visa colher, em meio às experiências singulares, os elementos comuns que determinam o sentido próprio do fenômeno buscado, ou seja, sua estrutura intencional. Esse cruzamento corresponde à *redução fenomenológica*, podendo recorrer a diferentes vias redutivas. Sinteticamente, a redução é caracterizada pelo exercício de reflexão sistemática que tem como alvo o fenômeno na forma como se mostra nos relatos, afastando conceitos, ideias e julgamentos prévios sobre o mesmo (Salomão, Ottoni, & Barreira, 2014). Depois de mostrados os sentidos subjetivos-relativos, atribuídos pela experiência pessoal de cada participante, passa-se ao cruzamento intencional, este apoiado na comparação entre todas as entrevistas para que se evidencie os sentidos comuns presentes nelas enquanto vivências constituintes do fenômeno (Barreira & Ranieri, 2013). No limite, o cruzamento intencional busca, portanto, descrever a correlação entre o objeto da experiência e a experiência deste mesmo objeto, tomando-a através da experiência vivida e descrita pelos

sujeitos. Neste caso, chega-se com estes procedimentos à descrição essencial das experiências vividas por atletas de base elucidando-se sua estrutura intencional.

Dessa maneira, trabalhar com uma pesquisa fenomenológica empírica não significa seguir os preceitos de uma objetividade instrumental, mas visa à explicitação descritiva das passagens procedimentais e analíticas que conduzem do problema à coleta, da análise aos resultados conclusivos.

Portanto, evidencia-se que, de acordo com o objeto – experiência e desafios psicológicos vivenciados por ciclistas – este método é compatível com a proposta desta investigação. Nele se imprime um caráter inicialmente descritivo, ou seja, o processo de análise dos resultados obtidos passa por uma descrição da experiência vivida pelos atletas, assim como a descrição, reconhecimento e compreensão dos significados psicológicos essenciais desta experiência. Já o resultado final de toda a análise refletiu no desvelamento da estrutura intencional dessas experiências, ou seja, aquilo sem o que elas não emergiriam em sentidos e falas significativas. Assim, pelo cruzamento intencional compareceram os elementos que perfazem a estrutura intencional do horizonte psicológico do ciclista de base.

3.5 Considerações Éticas

O projeto da pesquisa foi, primeiramente, submetido ao Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP). A pesquisadora, já devidamente cadastrada na Plataforma Brasil, zelou pelos prazos estabelecidos no cronograma apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP da Universidade de São Paulo. Mediante a avaliação e aprovação do Projeto de Pesquisa junto ao CEP, a pesquisadora foi a campo apresentando para os responsáveis pelos atletas da Equipe de Ciclismo de Ribeirão Preto um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, para os atletas, com idades entre 12 e 18 anos, o Termo de Assentimento. Já a instituição envolvida recebeu um documento esclarecendo a pesquisa e solicitando a autorização para a realização da mesma. Esses cuidados visam informar o participante sobre todos os aspectos envolvidos na pesquisa e garantir que este não sofra nenhum prejuízo (e que se algum dano for inevitável, garantir suporte para diminuição do mesmo) ao participar da pesquisa. Da mesma forma, cada atleta foi informado de sua total liberdade para interromper sua participação se e quando achasse necessário¹³. Além disso, os termos informam e garantem o sigilo das informações coletadas. As entrevistas foram gravadas

¹³ Como foi caso de um atleta que deixou a equipe e optou por não conceder a segunda entrevista.

e transcritas na íntegra e, logo ao final da pesquisa e de suas publicações, terão seus arquivos eliminados.

Vale-se ressaltar que os participantes da pesquisa não tiveram nenhum benefício direto, mas o próprio fato de passar pelas entrevistas e por processos de reflexão durante as mesmas, foi percebido como um benefício e um espaço para auto compreensão. O fato de entrar em contato com as próprias experiências costuma surpreender, uma vez que, apesar de terem vivido o que estão relatando, quando falaram, reviveram aqueles momentos e puderam se dar conta de seus avanços, suas conquistas e até do caminho já percorrido.

3.6 Redução Psicológica

Serão apresentadas as sínteses das reduções psicológicas de cada atleta. Para evitar qualquer possível identificação, optamos por chama-los com os nomes dos 9 países mais bem colocados no campeonato mundial de ciclismo de estrada, conforme ranking da UCI.

Como já mencionado, as reduções psicológicas são focadas em cada indivíduo, trazendo seu aspecto biográfico na modalidade e apontando para as experiências e desafios psicológicos que viveram, e que serviu como material para a redução comparativa às vivências estruturais.

As reduções psicológicas finais foram baseadas nas duas entrevistas que cada atleta participou.

3.6.1 Bélgica (17 anos, 4 anos de prática)

Bélgica, atleta de 17 anos, começou a pedalar ainda criança, entretanto, sua aproximação com o ciclismo como modalidade esportiva ocorreu aos 13 anos, inicialmente apenas passeando com os amigos e “só se divertindo”.

Ainda pedalava só para se divertir quando participou de sua primeira competição ainda sem equipe. Com uma bicicleta emprestada foi correr, porém, como não conhecia as regras, acabou com uma desclassificação (sua bicicleta não estava com as marchas travadas, o que é obrigatório nas categorias de base). Não desanimando se inscreveu para a próxima etapa e, nessa segunda corrida, fez um excelente segundo lugar e acabou chamando a atenção de umas das melhores equipes de base de São Paulo, recebendo convites para entrar nas principais equipes.

Para ela, pedalar esportivamente se resumia em “pegar a bicicleta e sair andando”. Foi só a partir de sua entrada na equipe, que vieram as instruções e ensinamentos necessários para

esse começo no esporte. Já em seu primeiro ano, com a equipe, despontava e mostrava seu talento. Em todas as competições pegava pódio.

Devido à sua falta de experiência, relata que era muito difícil esse começo, não sabendo a “hora certa” de atacar, de recuar, de comer, sempre fazendo muita força sozinha.

Em seu ano seguinte, as coisas aconteceram ainda melhor. Das 30 corridas que disputou, 22 lhe renderam o primeiro lugar. Isso acentuou seu orgulho e satisfação no ciclismo. Todos esses resultados conquistados no ano de 2018 abriram uma importante porta em sua vida. Ao perceberem seu talento, organizadores e olheiros de uma importante competição intermediaram um período de estágio no exterior, junto à uma das melhores equipes sub-23 da Europa.

3.6.2 Eslovênia (17 anos, 8 anos de prática)

Seu primeiro motivo para se aproximar do ciclismo vem de sua grande proximidade com o pai. O fato dele ser um ciclista, e eles já pedalarem juntos, estimulou a participação em uma peneira com a finalidade de ingressar em uma equipe de ciclismo.

A partir dali sua vida mudou consideravelmente. Já não tinha o costume de ir em festas, mas devido aos treinos isso ficou ainda mais escasso. Alimentação, treinos intensos e grande dedicação se fizeram necessários para exercer bem esse papel.

Seu início foi de inúmeras vitórias, relata que “saiu ganhando tudo que competia”. Durante três anos ficou no topo. Todos admiravam-se com sua trajetória, mas seu técnico sempre lembrava a de que não seria assim para sempre.

Foi então que essa curva começou a mudar de direção e as primeiras derrotas começaram a acontecer. Relata que todos à sua volta diziam que isso era normal, que “fazia parte”, mas não se convencia disso e contou que isso trouxe uma consequência bem ruim. Pensou até em parar de competir. Passou a se desacreditar em tudo que fazia.

Derrotas se acumularam, suas forças se esgotando e, com a sensação de incompetência tinha início uma depressão leve. Começando com uma cobrança excessiva por resultados e por se enquadrar no biotipo ideal de um ciclista, foi deixando de comer, intensificando as cargas de exercícios e, com isso, ironicamente, perdendo potência.

Esse período complicado durou quase um ano todo, e os reflexos foram sentidos tanto em sua carreira esportiva, como em sua vida particular. Escola, casa, amigos, família, todas as suas relações foram prejudicadas. Quando começou a perceber que estava perdendo o controle decidiu buscar ajuda. Terapia e nutricionista entraram em sua vida para ajudar a colocar as coisas de volta no lugar.

3.6.3 França (16 anos, 6 de prática)

Relata que ser ciclista era um plano do irmão, que nunca havia pensado em andar de bicicleta, mas que com o incentivo do pai acabou se deixando embarcar nessa história e entrou para a equipe, mas pontua que, no começo, foi muito difícil.

Os treinos eram muito sofridos, por ser pequena e não estar em sua melhor forma, cansava-se muito e o desempenho inferior ao dos demais o fazia pensar frequentemente em desistir. Entretanto, com a ajuda de todos na equipe e o grande incentivo dado pelo pai, continuou lutando.

Então, mais ou menos em 2018, questionou-se sobre o que, de fato, estava fazendo na equipe. Ao perceber que chegava a hora de tomar uma decisão, esta foi a de “pegar firme”. Afinal, já tinha aprendido algumas coisas, gostava muito da turma que tinha feito lá e o pai, que era um grande incentivador, tinha inclusive lhe comprado uma nova e bem equipada bicicleta, o que requeria sua dedicação.

Ali, ele iniciava uma nova fase em sua vida de ciclista. Mudou a alimentação, passou a fazer treinos extras, além dos obrigatórios, emagreceu e começou a colher os resultados.

3.6.4 Itália (16 anos, 5 anos de prática)

Aceitando a um convite, foi conhecer a equipe de ciclismo e de cara gostou do que viu e passou a fazer parte. Não demorou para trocar sua bicicleta por uma mais adequada ao esporte e passar a viver essa atmosfera intensamente.

Conta que não sabia muita coisa sobre ciclismo, regras e estratégias, mas que estava tão empolgada com os treinos e novos colegas que isso nem se fazia tão importante.

Logo em sua primeira competição, acabou escapando do pelotão e chegou ao final dessa corrida em primeiro lugar. Em consequência disso, passou a treinar mais, buscou uma alimentação correta e aprender as estratégias para ficar mais competitivo. Contudo, acabou se machucando e teve que ficar um período afastado dos treinos. Em sua volta, não demorou a notar a queda de rendimento e o quão aquém estava em relação a seus colegas de equipe.

Dessa forma, alternava períodos de grande dedicação e alguns resultados com outros de menos entrega e mais diversão.

Foi levando dessa maneira, até que quando passou para o Ensino Médio se viu obrigada a fazer uma escolha. Mudou-se para uma escola mais forte, que exigia mais horas e muito mais dedicação, impondo que uma, a escola, ou outro, o ciclismo, fosse assumido como prioridade. O ciclismo foi deixado um pouco mais de lado. Não o abandonou e diz que sempre levará a modalidade em sua vida. Todavia, ali Itália fez a mudança de prioridade mais importante em sua trajetória de ciclista. Resultados e primeiros lugares cederam lugar ao desejo e plano de ser aprovada no vestibular de uma das carreiras com maior concorrência no país.

3.6.5 Reino Unido (16 anos, 9 anos de prática)

Conta que desde muito cedo, passeava com seu pai e sempre acabavam em uma avenida importante de sua cidade, “assistindo” vários atletas de ciclismo treinarem. Em sua cidade existia um ciclista em especial, com uma carreira sólida no esporte e que desde sempre lhe serviu de inspiração.

No início fazia parte da pequena equipe de sua cidade, onde não era fácil notar sua evolução. Contudo, começou a ser observado por outras equipes e recebeu o convite para integrar uma nova equipe, dessa vez uma equipe grande e com maiores chances de permitir sua evolução.

De fato, a entrada nessa equipe maior lhe possibilitou avançar seus limites, desenvolver-se ainda mais como ciclista e a vivenciar corridas e treinos que iam lhe capacitando cada vez mais.

Foi então que, durante um treino longo, constatou que exagerou nos esforços e passou de seus limites ao concluir a prova com o que chamou de uma “terrível” dor nas costas. A princípio, a dor foi entendida e tratada como muscular. Sua persistência levou a novos exames e à descoberta de que se tratava de uma lesão séria.

Esse fato foi um marco em sua carreira. Inicialmente, sua atitude foi de negar a lesão, “tentando fingir que ela não existisse”, mas depois de algum tempo, percebeu que essa não era a postura mais inteligente a ser adotada. Procurou especialistas, montou uma “mini academia” em casa e passou a fazer treinos mais longos (e preparações mais longas antes das corridas) para aquecer a musculatura das costas antes dos esforços máximos e sentir menos dor. Foi aprendendo essa nova maneira de ser ciclista.

3.6.6 Países Baixos (17 anos, 5 anos de prática)

Países Baixos conta que sempre gostou de andar de bicicleta, mas que quando viu uma equipe “toda uniformizada” achou demais. Fez o teste e conseguiu uma vaga. A partir dali sua relação com a bicicleta mudou. O que antes era apenas passeio e diversão se tornou uma prática responsável, com regras e muito treino pesado.

Relatou que um de seus grandes desafios foi se adequar a equipe. Os atletas já estavam entrosados e acabava se sentindo pra trás, mas no final do primeiro ano já estava se sentindo “em casa”.

Conta que a competição já acontecia nos treinos. Em alguns, inclusive, a disputa era mais acirrada que em corridas oficiais. Isso motivava a equipe a buscar melhorar cada vez mais.

No final de 2019 estava em sua melhor forma, treinando bem pesado, pois no outro ano subiria de categoria, mas com a pandemia tudo foi paralisado. Contou que até o meio de 2020 ainda manteve a intensidade (da maneira que era possível) forte, mas com o agravamento da pandemia, precisou mudar um pouco o foco e foi, aos poucos afastando-se do ciclismo competitivo, mas não conseguiu deixar a bicicleta de lado. Termina dizendo que o ciclismo sempre fara parte de sua vida, contudo, agora em uma posição mais coadjuvante.

3.6.7 Espanha (15 anos, 4 anos de prática)

Espanha começa dizendo que, ao contrário de todos os outros, não gostava de pedalar, mas por insistência do pai, começou a andar.

Logo descobriram que na cidade existia uma equipe e começou a pedalar com eles. Contou que o início foi muito sofrido. Por ser menor que praticamente todos lá, sofria muito nos treinos.

Logo em sua primeira corrida, seu nervosismo fez com que “saísse correndo” e quando se deu conta já tinha deixado os outros pra trás, mas logo em sua segunda corrida subiu de categoria e descobriu que ficou tudo mais difícil, pois agora era a menor da categoria.

Um ano depois as competições foram suspensas pela pandemia, mas permaneceu treinando, buscando ficar mais forte.

Foi descobrindo aos poucos o gosto de pedalar. Em um treino, no pelotão, caiu e ficou um tempo com essa sensação de insegurança quando andava em pelotão. Foi vencendo isso também aos poucos.

3.6.8 Dinamarca (17 anos, 3 anos de prática)

Sempre jogou bola e a bicicleta tinha um lugar pequeno em sua vida. Quando tinha mais ou menos 14 anos a equipe estava precisando de competidores de sua idade e, um amigo que corria na equipe, convidou para participar do teste.

Passou no teste e logo aceitou o desafio. Relata que não foi fácil. Todos eram mais bem treinados e mais fortes. Teve que se esforçar muito para acompanhar o ritmo intenso. Foi gostando cada vez mais, os resultados aparecendo e isso motivava muito.

Relata que por vezes tinham épocas mais difíceis, que “dava uma desanimada”, mas logo a paixão voltava.

Estava indo muito bem, mas com a pandemia, as competições pararam: foi um momento de reflexão. Passou por momentos muito difíceis e não sabia mais se o ciclismo tinha espaço em sua vida.

Decidiu voltar a treinar e encontrou ali uma força a mais que precisava.

3.6.9 Austrália (14 anos, 3 de prática)

Austrália conta que entrou cedo na equipe. O irmão já fazia parte, mas teve que esperar um ano para conseguir entrar.

Conta que eram todos eram mais velhos e maiores e que sentia muita dificuldade em estar ali, mas nunca quis parar.

Nas competições, por muito tempo, não existiam concorrentes, eram corridas solitárias, que provocavam uma sensação de desânimo, pelo fato de não ter com quem disputar. Nos treinos isso também acontecia, pois estava sempre para trás de todos.

Isso mudou quando mudou de categoria e agora enfrentava outros desafios. A competitividade propriamente dita. Mas gostou e não parou.

Só com a pandemia que deu uma diminuída em tudo, mas o fato de ser jovem faz com que ainda tenha muito caminho a percorrer. E, assim diz que vai fazer.

4 RESULTADOS

Fundado nos relatos dos sujeitos, em suas reduções psicológicas e em sua análise intencional, foi possível iniciar a descrição do horizonte de experiências desses atletas. Foram realizadas dezoito entrevistas, sendo 2 com cada atleta, totalizando a participação de 9 atletas na pesquisa. O número inicial proposto foi o de 10 atletas, mas ao longo da pesquisa um atleta que já tinha participado da primeira entrevista, optou por não participar mais. Ao olharmos as entrevistas já realizadas percebemos que a saturação tinha sido atingida já com esses 9 atletas e optamos por não acrescentar mais nenhum atleta.

Como um primeiro resultado da pesquisa, foi possível observar quão acertada foi essa nossa escolha pela realização de duas entrevistas com cada atleta. Muito além de obter respostas a perguntas, essa estruturação permitiu que eles se apropriassem de suas vivências, articulando-as em linguagem verbal. Quando analisamos a maneira que responderam a primeira e depois, como se entregaram ainda mais às respostas no segundo momento, constatamos a diferença de aprofundamento e a tendência a se passar de uma *fala segunda* a uma *fala primeira*, conforme conceitos detalhados anteriormente. Os resultados, pensados a partir de suas falas, nos levaram a vislumbrar a mobilização a que foram levados, permitindo, inclusive, elaborações que possibilitaram que percebessem e se apropriassem dos avanços e aprendizados conquistados ao longo de suas carreiras e que agora, nesse processo, tornaram-se “quase palpáveis” a eles. Suas respostas foram de simples relatos de acontecimentos a novas percepções de como viveram, mais primariamente, aqueles acontecimentos, o que corresponde tanto a uma produção intersubjetiva de relatos de experiências, como a um processo no qual se passa uma nova valorização das mesmas enquanto partes decisivas de uma subjetivação que os faz ciclistas.

Além disso, os resultados também foram se compondo por meio de agrupamentos, apesar de que, ao final das entrevistas, essas categorias não corresponderam aos relatos individuais, ainda que apreendam a experiência singular em cada um destes. A análise permitiu detectar aquilo que atravessa as experiências individuais apreendidas nos relatos e, por meio do método já detalhado, se dá um passo adiante, rumo à estrutura vivencial dessa experiência pesquisada.

Desta forma, esses resultados buscam descrever os elementos comuns que nos levaram a uma descrição da estrutura vivencial da experiência vivida por esses atletas de categoria de base do ciclismo. Sendo assim, os elementos que caracterizam o fenômeno estudado foram descritos em alguns temas entrelaçados entre si, dando base aos agrupamentos que foram se apresentando, são eles: Comunidade sobre duas rodas; Pedalar, exceder, reconhecer e novamente, pedalar; Não pode parar, não pode parar; O outro: o que marca e o que precisa ser marcado; Corporeidade e Ciclismo: muito além de pedalar.

4.1 Comunidade sobre duas rodas

Quando olhamos para todos os relatos, percebemos a relevância decisiva que os atletas atribuem à participação e apoio intenso de familiares, amigos, ídolos, colegas de equipe e incentivadores, permeando não somente sua entrada no ciclismo, mas também as condições que os levam a permanecer e pegar firme no esporte. Tal atribuição não tem nada de acessória, mas revela-se como componente constituinte do horizonte de experiências vividas pelos atletas, sendo, portanto, indissociáveis do modo como experiências e desafios psicológicos confluem na história de cada um para a condição que os levou a serem entrevistados, a de ciclistas de base.

Remetendo-nos ao conceito já apresentado de “Comunidades de Prática”, vemos como, de um modo bem representativo, a natureza social da aprendizagem humana, através da prática, significado e identidade (Wenger, 2010) é descrita nos relatos de todos os atletas. A dureza e dificuldade, amplamente citada pelos atletas, dos treinos longos e desgastantes, das competições repletas de desafios, parecem ganhar um sentido maior, quando acompanhados do pensamento de que, junto com eles na bicicleta, existem palavras de incentivo, exortações, aplausos, confiança, parcerias, uma verdadeira presença comunitária.

Muita gente me ajudou no começo, porque é difícil. Ciclismo é um esporte muito duro (França)
... os técnicos ajudando muito nas competições... acho que isso ajudou muito, o apoio da equipe para eu começar de verdade. Porque, se eu não soubesse da equipe, acho que até hoje eu nem ia saber sobre o ciclismo, ia pedalar só pra passear mesmo (Itália)

Para a história de Eslovênia, a presença do pai começou sendo determinante para que outras presenças significativas também fortalecessem sua relação com a modalidade. Ciclista amador, o pai, sempre a levava para andar de bicicleta e foi quem a incentivou a participar de uma peneira para entrar em uma equipe. Naquele dia, a grande quantidade de espectadores

assistindo seu bom desempenho contribuiu para que ela se sentisse extremamente feliz e segura com a decisão de se lançar a esse novo desafio – “... estava todo mundo lá assistindo e isso e deixou super feliz”. Já para Reino Unido, foi um grande ídolo do ciclismo em sua cidade quem “influenciou, me motivou a entrar no ciclismo”. Sua presença, sua história e a memória do ídolo já falecido, como ele mesmo relata, segue como uma segunda pele, que o leva a buscar cada vez mais resultados para honrar aquele incentivo em seu começo no ciclismo.

Na história de nenhum entrevistado escapa a importância de um fomento coletivo, em especial, aquele acentuadamente interpessoal, como grande impulsionador para o enfrentamento dos novos desafios inerentes ao comprometimento com a modalidade. A seguir, as falas de França e Países Baixos, frisam também como, se o estímulo para a entrada é importante, esse suporte dos outros aparece como fundamental para a permanência no esporte, principalmente por ser uma modalidade experienciada como árdua e exigente:

A dificuldade me fazia não gostar, eu falava: “por que estou aqui, se estou só perdendo?” Ah, incentivo das pessoas! Meu pai nunca me deixou desanimar. Meu irmão sempre treinando, todo dia. Os técnicos me ajudando também. Ah, muita gente me ajudou no começo, né... porque é difícil, o ciclismo é um esporte muito duro. (França).

Eu pensei em desistir muitas vezes, muitas. Mas, depois você vai pegando amizade com o pessoal, vai enturmando. (Países Baixos)

A participação de alguém e o fomento coletivo para a decisão de entrar no ciclismo e permanecer é bastante variada de pessoas para pessoa, podendo até mesmo não ocorrer. Todavia, quando se percebem, de fato, na modalidade, deparam-se com novos desafios, entre os quais o próprio desafio de se comprometer com o esporte, de “pegar firme”, em que, segundo os relatos, a mudança de atitude necessária envolve a ajuda do outro de forma ainda mais atuante.

Bélgica não frisa o incentivo inicial em sua entrada no esporte, ocorrido com uma bicicleta emprestada e avaliada como descontraída e solta. Todavia, ao ser surpreendida com o reconhecimento e valorização de seu desempenho por várias pessoas (a cidade dela se uniu para lhe dar uma bicicleta boa e nova), foi levada a mudar sua percepção sobre sua dedicação, ampliando sua necessidade de apreender a totalidade de ações que iriam compor sua identidade como atleta, passando a cuidar de sua alimentação, treinos, horários para dormir e acordar.

Como mostra o relato de França, seu início esteve ligado a muita dificuldade. Era pequena, mais fraca e por muito tempo, “dava uma voltinha e já parava... nas competições dava umas três voltas e já começava a sentir muita dor”. Contudo, a perseverança de seu pai e seus

treinadores em incentivá-la, inclusive materialmente, mesmo na época em que ela estava desacreditada de seu potencial, fazia com que ela continuasse, treino após treino. Até que, em uma corrida, com todos ali gritando por ela, se empenhou e chegou colada ao primeiro lugar, se dando conta de que todo aquele apoio, acrescido do fato de não ter desistido, a levaram a um lugar que julgava ser impossível. Ali houve uma mudança de sua consciência. Seu foco e seu empenho, que antes estavam na dificuldade, passaram a contornar suas novas possibilidades de avançar.

...quando eu larguei tinha largado dois já na minha frente... Na subida da chegada, para terminar o contra relógio, são duas voltas, ali estava meu pai e um pouco para frente o N. E ele gritando “vai França, você está super bem, vai, vai”. Meu pai falava “vai, vai”. (França)

Nessa linha, é comum que os relatos dos entrevistados nomeiem um processo característico e importante, ligado ao começo da jornada esportiva, o amadurecimento. Para eles, a maturidade requerida é percebida como sendo exigida precocemente. Os entrevistados, jovens em plena adolescência, referem-se às mudanças que viveram e às diferenças em relação aos colegas e amigos coetâneos para afirmarem a necessidade de um amadurecimento mais acelerado que o usual. Trata-se de assumir um comportamento mais compatível com a condição de lidarem com a complexidade de pedalar competitivamente, o que demanda uma série de restrições sociais e ações conectadas (alimentação, intensidade e variações de treinos, sono, descanso). Eslovênia relata ter passado por situações penosas que, posteriormente, revelaram seu amadurecimento como ainda sendo incompatível com as exigências do ciclismo competitivo. Mais uma vez, a relevância do outro nesse processo comparece como determinante. Além de várias situações práticas, cuja conduta era aconselhada por outros e nem sempre abraçada, Eslovênia adotou por conta própria uma dieta restritiva, acreditando que isso a manteria em forma e magra, seguindo um ideal imaginário de corpo atlético. Sua dieta foi acarretando uma perda significativa de massa magra, e, conseqüentemente, uma importante perda de força. Sem entender o que se passava, ela pedalava cada vez mais com resultados cada vez piores. Foi a percepção e o alerta de seus técnicos que a levaram a entender que havia algo errado. Ela foi orientada e estimulada a buscar ajuda profissional para adequar sua alimentação às exigências esportivas. Graças ao olhar do outro, houve uma mudança de atitude e entendimento, não só evitando a instalação de um distúrbio alimentar, mas ajudando-a a aderir a um comportamento que rapidamente resgataria seus melhores desempenhos.

Mesmo que a gente é bem novinho, tem que levar a sério, sabe? Exige uma maturidade que, às vezes, as pessoas não estão nem preparadas, né? E eu, no caso, não estava... (Eslovênia).

Isso se torna muito evidente, também, no relato de Bélgica:

Na verdade, quem foi percebendo foi minha mãe e meu padrasto, porque eu estava ali, vamos supor quando eram 10 voltas, as sete primeiras voltas eu fazia super bem, ia na frente, com força mesmo. E as últimas três fazia mal já. Sem força, sem vontade de pedalar e chegava, mas não chegava com a boca aberta, morrendo... chegava inteira, só que não ia mesmo. Realmente não ia. Aí eu fui perceber, eu não, minha mãe foi perceber que eu precisava corrigir minha alimentação. Aí eu fui no nutricionista e passei a comer melhor. Porque na verdade não é que eu comia mal, eu não comia o suficiente. (Bélgica).

Bélgica já estava fazendo parte de uma equipe, já demonstrava um grande potencial na modalidade, porém, notava que algo não encaixava. Treinava o suficiente para chegar ao final da corrida “inteira”, contudo sem energia, com um desgaste imenso. Novamente, o olhar atento do outro, nesse caso sua família, atuou como um “tradutor” do que se passava. Foi devido a essa participação ativa e atenta do outro que foi possível caminhar em direção a essa aquisição de conhecimento que resultaria, imediatamente, em sua melhora de rendimento.

Uma passagem contada por Reino Unido, vem corroborar o entendimento de quão caro é a participação do outro na construção dessa atitude de atleta. Ele (por sua própria descrição, também reforçada por seus companheiros de equipe), mesmo sendo um dos mais experientes no esporte, descreve a respeito de sua dificuldade “de atacar” nas corridas. Mesmo conhecendo as estratégias e táticas, não se atirava, era cauteloso. Até que, um de seus treinadores, percebendo esse seu comportamento, antes de uma competição, o chama para conversar e o desafia a se arriscar, se lançar no desafio, “deixar seu nome na prova”. Esse desafio foi também um reconhecimento de que ele tinha condições de ir além e, mais do que isso, de que ele deveria ir além. Houve aí uma mudança de postura que, possivelmente, o levaria a um outro patamar em sua carreira esportiva.

Mas, foi a partir dali, dessa mensagem do F. que eu comecei a me soltar mais, comecei a fazer isso mais nos treinos, a tentar conviver mais com isso... Eu começava atacar e isso foi mais normal para mim, fui começando a me soltar mais, a me sentir mais confiante para fazer isso, e quando chegou nas provas eu conseguia fazer bem melhor, atacava melhor, já não tinha tanto medo. (Reino Unido).

Iniciar, permanecer e, principalmente, “pegar firme” são momentos de um processo de amadurecimento esportivo que passam, inevitavelmente, por uma inserção na complexidade esportiva do ciclismo, o que, para nossos ciclistas, não ocorre sem haver uma importante experiência comunitária. Nela, experiências vividas pelos atletas vão sendo orientadas, motivadas e conduzidas em bom termo com a efetiva participação do outro. Essa “comunidade sobre duas rodas” promove a circulação do conhecimento tácito, evidenciando que o saber não deve ser pensado apenas como uma questão individual, mas na troca com o outro. Tornando, inclusive, esse esporte individual por princípio, em coletivo por vivência.

4.2 Pedalar, exceder, reconhecer e, novamente, pedalar

...eu sempre ia fazendo um treino que me puxava um pouco. Tipo, hoje a gente vai andar 100 km, e era sofrido, até que ele ficava tranquilo, aí era hora de aumentar um pouco mais. E fui fazendo assim. E chega uma hora que você só vai. Chega uma hora que você só vai. (Eslovênia).

Fui me acostumando, fui querendo ir no meu limite, querendo passar ele. Esses dias para trás treinei 300 km, e já estou pensando que um amigo meu rodou 300 também, então vou ter que rodar mais, tenho que rodar 350. E é aquilo ali, tem que ir desafiando. (Bélgica).

Nesses dois trechos, percebe-se que as situações de treinos vão além de, simplesmente, serem momentos de preparação para a execução da modalidade. Essas são oportunidades em que os atletas experenciam a si mesmos e podem se dar conta, efetivamente, de seu próprio organismo, de suas reações, passando a conhecer na prática, as relações entre organismo, empenho e desempenho. Essa experiência ganha volume na medida em que a melhora vai acontecendo, na medida em que os resultados vão aparecendo e isso vai sendo satisfatório, fazendo desse um conhecimento prático, sensorial e cognitivo.

Eslovênia deixa isso claro quando descreve como se dá essa evolução. Começa com uma determinada quilometragem, na qual sofre, se entrega, realiza, até que como resultado de vencer esse desafio, toma a decisão de se abrir para uma nova meta, novamente árdua e pesada, mas que, quando vencida, a levará mais longe.

Por sua vez, Bélgica, além de descrever que seus treinos se baseiam em lutar para que o desempenho corporal melhore à medida em que vai buscando superar seus limites, traz um novo elemento na construção desse desafio. Ao enfoque em sua experiência de suplantar gradativamente suas próprias marcas, adiciona o outro como motivação, como provocação para buscar essa superação. Mesmo quando não está em explícita posição de competição, o outro comparece como uma provocação ainda maior para superar as próprias marcas.

Nos treinos, o avançar no condicionamento físico, se assemelha a uma engrenagem. Assim que os atletas totalizam um limite até sua extremidade, a engrenagem se articula a uma nova roldana que leva o destravar da construção de um novo limite.

Nunca tinha andado 253km, pra mim foi duro hein... Depois fiquei cansada uns 5 dias, parecia que estava carregando uma pedra nas costas, mas agora depois desse pedal, agora quando faço 160, 150 eu não sinto mais tanto quanto sentia antes, parece que estou andando 100, depois desse pedal. Seu corpo entende que você aguenta mais que aquilo, você sente assim, não, dá mais! Chega nos 160 você sente que consegue andar mais uns 50 km. Antigamente eu esticava e fazia 160 chegava em casa e dormia, chegava dormia o dia inteiro, porque o corpo queria descansar. Agora eu chego de 160 vou para minha vó, jogo bola com os moleques. Você sente, não você até vê. Sempre superando seu limite. (França).

A experiência corporal, o tracionamento motor gerado pela suplantação desse limiar inicial suscita a percepção de que o corpo aguenta mais, um aprendizado que tem efeito cognitivo, impelindo à expectativa e ao planejamento de sucessivas superações. França experimentou essa sensação de se colocar à prova, em uma situação totalmente nova para ela. Se antes, 160 km era um grande desafio, após ter se superado e alcançado um patamar apenas sonhado, agora seu corpo entende que pode mais, autorizando-a a buscar novas marcas.

A evolução das marcas, do esforço e do desempenho, todavia, não é uma corrente incessante a girar cada vez mais rápido. Ao peso empenhado no pedal, soma-se o contrapeso da cautela, a atenção a uma gradação que permite ir mais, sem exceder limites que ainda estão sendo tateados. Esses ilustres desconhecidos costumam ser advertidos, o que não é garantia de evitar a surpresa de se depararem e conhecê-lo em primeira mão.

Tem dia que você fala, nossa hoje to bem, quero andar pra caramba, mas vai e anda 20km e nossa, que dor na perna, socorro, quero voltar. E meu pai falou, o N. também falou, você tem que respeitar seu corpo. Os Elites todos me falam, na dúvida faz a menor quilometragem. Você está programado para fazer 120km, por exemplo, você está andando nos 80 e já está cansado, não está aguentando mais, é melhor parar. Não força demais, em alto rendimento é melhor andar menos do que mais. (Eslovênia).

À medida em que vão se dando conta, de que o movimento e o esforço participam da construção da melhora do desempenho, os atletas vão também aprimorando suas habilidades de “interpretar” o que suas sensações e percepções estão mostrando. Esse conhecimento a seu próprio respeito apresenta-se como um processo experiencial importantíssimo em apropriações de saberes que os tronam atletas competitivos.

A descoberta e a superação dos próprios limites possibilitam autonomia para escolherem e decidirem sobre como podem construir essa evolução. Eslovênia vai se apropriando desse

poder quando passa a entender, no próprio corpo, o que antes eram apenas dicas e instruções dos mais experientes. Respeitar os sinais de exaustão e fadiga do corpo é antes de tudo um autocuidado para a manutenção e contínuo bom desenvolvimento no esporte. Superar limites aparece com um desafio que leva a novas conquistas, mas um olhar atento aos seus próprios sinais pode evitar que haja sobrecargas que levariam a um possível *overtraining*¹⁴, por exemplo.

Eu estava extremamente forte, muito, muito forte, porque eu estava treinando para a volta de 2021, então assim, eu estava no meu pico, eu estava ganhando do C. em algumas partes, eu estava muito forte, muito forte mesmo. Aí eu estava tão focada em treinar, treinar e treinar que eu não estava comendo direito e foi quando eu não tinha mais forças para treinar, me deu *overtraining*, aí eu fiquei fraca, muito fraca e não conseguia acompanhar nada, andar 15km para mim era uma tortura. E eu não descansava, treinava a semana inteira, eu nunca tinha dado bola direito para a parte que todo mundo fala que descanso faz parte do treino. (Dinamarca).

No caso de Dinamarca, essa percepção sobre seus próprios limites e sobre o que podia estar acontecendo com seu corpo veio tardiamente, e ela sentiu os efeitos da pior maneira possível. Foi ficando fraca, fraca demais, a ponto de não conseguir fazer mais nada. Podemos pensar que, essa adaptação ao treinamento precisou exigir um intenso sofrimento do corpo para que se incorporasse ao entendimento.

Eu tenho um profissional que me ajuda com os treinos. Mas mesmo com ele, eu tenho que passar o que eu sinto, né? Porque não é só passar o treino, achando que eu ia me recuperar nesse dia e acabo não recuperando. Então tenho que expressar o que eu estou sentindo para ele. E a partir disso ele vem. E aí vou sentindo isso, por exemplo, se eu vejo que eu descansei na segunda feira e vou andar na terça e as pernas ainda estão pesadas, to cansada, não consegui sair do lugar. Então, um dia de descanso não foi o suficiente. Então na quarta tenho que descansar de novo. (Bélgica).

Bélgica, mesmo contado com a orientação de seu treinador, compreende que é a sua capacidade de se perceber e reconhecer suas sensações, que deve ser obedecida, quando nota que um dia de descanso, apesar de ser o estabelecido, não foi o suficiente para seu corpo.

Essa capacidade de “adestramento”, de adaptação, de acúmulo de competências, tão pertinente às categorias de base, no ciclismo está intimamente ligada à corporeidade. Afinal, diferentemente de outras modalidades que possuem fundamentos básicos (manchetes no vôlei, arremessos no basquete, domínio de bola no futebol...) que podem ser infinitamente treinados,

¹⁴ A síndrome do *overtraining* (SO) é uma afecção associada à diminuição da performance esportiva decorrente do aumento do volume e/ou intensidade de atividades físicas sem repouso adequado e/ou de dieta inadequada. (Savioli, Medeiros, Camara Jr., Biruel, & Andreoli, 2018)

no ciclismo parte-se da ideia de subir na bicicleta e pedalar até a marca. Todavia, o que diferencia um ciclista de passeio dos nossos atletas é a necessidade de perceber no corpo, na musculatura, na alma os limites a serem vencidos, as melhores maneiras de enfrentar horas em posições desconfortáveis, a capacidade de saber a hora certa de puxar a bicicleta para o lado, baixar a cabeça e pedalar o mais forte que consegue para cruzar a linha de chegada.

4.3 Não pode parar, não pode parar

Nossa, sede, vontade de deitar no chão, eu não quero mais, vontade de sair, sei lá, correndo. Tudo isso em cima da bicicleta. Vontade de parar. Vou parar. Não, não vou. (Eslovênia).

Eu via a perna ardendo, doía muito. Pensava que não ia dar. E, eu fechava o olho ali, abaixava para uma posição mais aerodinâmica possível, fazia força sem nem mexer a cabeça. (Bélgica).

Aí começava a doer, queimar tudo, falava nossa não vou conseguir, daí tirava a energia lá do fundo. É quando você não aguenta mais, quando você não consegue mais fazer nada, daí você pensa, não, eu preciso ir. Daí tira energia não sabe nem da onde, mas vai. Fecha o olho e esquece que está doendo, e vai. (Itália).

...não tem uma parte do corpo que fica parada quando você está pedalando forte. Então, se você não tem aquele sofrimento, aquela amargura na boca, aquela falta de ar, tosse com falta de ar, você não fica bom. (Países Baixos).

Dor, perna ardendo, sede, amargura na boca, cansaço extremo são sensações narradas por todos os atletas já entrevistados. O corpo parece ter chegado ao seu limite. E, é nesse momento, junto e contra essas provocações, à beira de uma ruptura do que se percebe como as capacidades de controle do organismo, que emerge a insistência: “não pode parar. Não pode parar!” Não pode parar? Como não pode parar?

A luta em relação a coisas que vão contra a decisão, aparece claramente no relato de Eslovênia. O corpo, exaurido, doendo, com sede e vontade de desistir, é movido por “uma teimosia” que não permite essa desistência, indo ao encontro de um possível “adestramento” do corpo.

Bélgica, trazendo sua dificuldade acentuada, conta que mesmo a cabeça dizendo “não, não vou, não aguento mais”, o corpo, por estar habituado, busca uma melhor posição e segue pedalando. Já começa aparecer aquela vontade mais forte no corpo, que transpassa a dor, supera a inclinação a ceder. “Fazia força sem nem mexer a cabeça”.

Em algum momento, a beira do limite se percebe sendo ultrapassada e ganha a nitidez de uma fala para si: “não vou conseguir mais”. O organismo entrando em exaustão faz seu aceno. A percepção do aceno constata um iminente colapso (seja isso o que for - e temê-lo sem

sabê-lo claramente é parte de sua manifestação), antecipando sua consequência como asserção: “não vou conseguir mais”. Contrariar e ganhar da asserção requer que não se ceda, requer esforço e persistência no esforço. Mas o que é o iminente colapso - descontado os limites extremos, a morte ou o desmaio - senão os confins do controle das próprias forças? Suplantar os próprios limites, alargar os confins do manejo das forças, começa a despontar como uma referência decisiva e constante para os ciclistas. Itália chega a dizer que “fecha o olho e esquece que está doendo”, para continuar pedalando. Não há dúvida: é só quando o corpo chega ao que se anuncia como seu limite que é possível reconhecer se há mais vida para dar. É a vitalidade que aparece no intenso sofrimento. Contra o sofrimento intenso, ou a vitalidade se converte em força dosada pela vontade, ou ela se deixa sugar pela pressão à inércia, pela necessidade de repouso. É para um revigoramento que há necessidade de repouso, mas o tempo do repouso é incompatível com a boa execução da prova – ou não se está no limite da provação. Aqui, força e vontade voltam à sua raiz comum, onde a energia vital se converte em capacidade, sendo confluída pela decisão e empenho de agir. A luta entre necessidade (de repouso) e capacidade (de agir) se joga no campo da força de vontade, onde a árdua decisão de ser capaz se confunde com a força para tanto, onde vontade e força não se distinguem mais e se reduzem a persistir – a ser “pura” insistência na força. Quando os acenos da necessidade anunciam “não vou conseguir mais”, a capacidade replica: “não pode parar”.

Países Baixos aponta que o sofrimento, no pedalar, acompanha o processo “de ficar bom”. A falta de ar, a exaustão, a dor e o sofrimento relatados por ele e por seus companheiros de equipe, esboçam o que, parece, nos aponta um caminho que precisa ser seguido, em busca da evolução no ciclismo. Anterior ao prazer do primeiro lugar, a sensação de avanço, apesar de todo suplício, vem presentear os atletas.

Então chega um trecho de subida, uma subida dura, você está ali, fazendo força, a perna está quase explodindo, aí você fala assim, não, eu tenho que passar agora, porque ali depois vai pegar uma descida e vai recuperar. Tem que tentar passar mesmo sofrendo tudo, mas tem que tentar passar. Fora o psicológico né? Tem que focar ali onde você está, não pensar em nada e fazer força, fazer força. Você dá seu limite, até doer a cabeça. (França).

...quando eu corria e eu via que eu ficava bem para trás dos meninos, eu ficava meio magoado. Porque eu estava tentando, fazendo o meu esforço máximo, mas eu não conseguia acompanhar eles. Aí eu coloquei essa meta aí da subida, já comecei a treinar subida pra caramba, comecei a ‘sprintar’, dar meu esforço máximo, aí deu certo. (Espanha)

O entendimento do funcionamento do corpo e a aceitação disso ajudam o atleta a se posicionar enquanto capacidade de pedalar. França traz essa experiência de estar doendo, achando que não vai aguentar, mas que vai continuar. Aqui já aparece como essa nova organização pode acontecer. Ela continua, mesmo com sofrimento, com a esperança de que daqui a pouco melhorará. O corpo quase chega à exaustão, mas agora tem uma *copercepção* que permite que ela possa tentar gerenciar o tanto que ainda pode ir além. Ela está “morrendo” na subida, mas sabe que se resistir e aguentar um pouco mais, virá uma descida para apaziguar seu esforço. Essa *copercepção* resulta na decisão de continuar, de empregar esforço e empenho para superar esse desafio que é imposto por esse esporte tão duro. Uma interessante descoberta se mostra aqui, a consciência corporal que vão adquirindo, lhes permite compreender que é possível sofrer menos da próxima vez.

Espanha traz essa descoberta quando enfrenta a realidade de estar “bem atrás dos meninos”, ela sabia que já estava dando seu máximo, mas se deu conta de que aquele máximo não era suficiente e traçou uma nova meta, “já comecei a treinar subida pra caramba” adestrando seu corpo para evoluir, um gerenciamento para ir além, e sofrer cada vez menos... até o próximo novo desafio.

Você só tem que fazer força e não pode parar, e dói demais, queima tudo, você não respira, você fica tonta. É uma adrenalina, só que é boa sabe, não é ruim. É uma confusão boa. É uma superação, né? Tipo assim você quer parar porque está doendo muito, mas você pensa, não, eu treinei, meu pai gastou dinheiro para eu estar aqui, não posso parar agora. Vai! Vai! Você sabe que não pode parar. Tem à vontade, mas você não para, porque você sabe que não pode. Nunca. Tem que concentrar em alguma coisa positiva, ‘eu viajei tão longe para estar aqui e parar, não, não posso’. Alguma coisa positiva você inventa e faz força... (Eslovênia).

...era minha primeira prova aqui... Tenho que continuar, não posso desistir por só uma queda, que eu ralei só a perna. Pensei, não vai ser uma queda que vai me parar! E ali atrás, em busca, sempre no limite, mesmo fazendo a prova ali completamente sozinho... (Bélgica).

Quando você está andando de bicicleta parece que não ouve nada, está concentrado, mas as pessoas te gritando, até arrepia de falar, as pessoas gritando, te dá uma força a mais, mesmo quase desligando, ver as pessoas ali te dá um gás. (França).

Você está numa subida e não aguenta mais, e você tem que usar uma última energia que você tem para fazer e a perna começa a queimar, começa tudo queimar, começa o coração a bater mais forte. Daí, na hora, é ruim, mas na hora que você vê que consegue acabar a subida assim, fica bom. (Itália).

Temos agora quatro relatos que ilustram, ainda que cada um em sua particularidade, como o desafio de não parar é enfrentado. Superar aqui não é deixar algo para trás, mas seguir com um novo recurso desenvolvido como “super-ação”. A batalha mental, a descoberta na

experiência, pressentir que não dá mais, persistir em querer. Apesar de vivenciar esse conflito, Eslovênia, nessas horas, serve-se de pensar em algo positivo: “dinheiro que gastei para estar aqui, viajei tão longe” que reforçam sua atitude de continuar. E esse reforço vem no sentido de atribuir um valor a essas coisas, confirmam que o que está fazendo tem valor, e o empenho físico aparece como uma boa maneira de comprovar esse valor. Ela vai se apegando a essas coisas, que atribui um valor especial, para se estimular a continuar e, conforme vai tendo um bom desempenho, mais estímulos vai buscando, menos penosa fica a organização dessa nova Gestalt. Nesse sentido, vai construindo uma atitude com base nesses acontecimentos, apreendendo e exercendo o que o outro designa como valor, valor de si que se confirma intersubjetivamente.

O conhecimento dessa força, claramente se diferencia do que os atletas veem como sua força e capacidade física. Liga-se ao investimento prévio para chegar lá, a um valor que impele a ultrapassar o limite anunciado pela força (fraqueza) física. Bélgica, indo muito além do que podia imaginar, em sua primeira competição internacional, ao sofrer uma queda e machucar-se não se permite recuar! Ao contrário, levanta e sai em busca da missão de não parar. Muito foi feito e investido para que ela chegasse até lá, reconhecer isso intensifica suas forças.

França, ainda que esteja “quase desligando”, traz como valor imprescindível, o apoio e a anuência das pessoas ao participarem do esforço dela através de sua torcida. Parar significaria frustrar quem está lá por ela. Vergonha e orgulho se fazem dois polos que aguçam o que podemos chamar de “moral dos ciclistas”. A importância dada a ela, incorporada no corpo faz com que responda a esse merecimento tonificando suas energias.

“Na hora é ruim, você não aguenta mais, começa tudo queimar, coração bate mais forte”. É assim que Itália descreve o momento sofrido de uma dura subida. Não há prazer algum ali, mas ela se faz valer de uma satisfação, que virá depois, porque, diferentemente do prazer que não depende dela para acontecer, a satisfação vem em função de seu mérito, fruto de seu empenho. Então, é essa sensação de um grande feito ao final, vencer uma batalha contra ela mesmo, que a impulsiona a continuar, a não parar.

Esses acontecimentos vão possibilitando um aprendizado, um desenvolvimento. Um passo a mais em termos de perspicácia, um maior desenvolvimento enquanto ciclista. Continuar a rodar a trajetória de formação de suas identidades como ciclistas passa por apreender essas facetas da corporeidade, numa unidade que ancora vivências de sensações, esforços, percepções e decisões em um “corpo-sujeito”, afastando-os de se tornarem apenas corpos que desempenham um papel em algum espetáculo, para serem uma expressividade viva, um modo de ser no mundo com o ciclismo.

4.4 O outro: o que marca e o que precisa ser marcado

Ainda que entendamos o ciclismo como um esporte individual, o outro precisa ser visto como necessário para a totalidade da prática. Em seu início e manutenção, conforme já pontuamos, a presença, apoio, orientação e a compreensão de familiares, comissão técnica, companheiros de equipe, torcedores, determinam a prevalência nesse esporte - como os próprios atletas trazem- sofrido e desafiador.

Além disso, um “outro” outro -os adversários- apresenta-se como uma referência primordial quando começamos a nos aprofundar nas experiências relatadas por nossos entrevistados. Na presença desse outro, nota-lo, perceber suas atitudes e comportamentos, antes e durante a corrida, definir o que mostrar, o que dissimular, o que fintar para ele que ele veja, são condições que compõem como habilidades a serem desenvolvidas pelos atletas de base do ciclismo.

A estratégia vai sendo conquistada e o outro aparece como presença que interfere, que precisa ser considerada para a tomada de decisões. Ler o outro - como nos ilustra um atleta quando diz, “olha na cara da pessoa e ela está lá, fazendo força, fazendo força lá no pelotão, você sabe que ela está sofrendo” - afeta suas decisões. Ser marcado ou não ser marcado muda a maneira de estar na prova, a maneira de pensar e agir antes e durante a prova.

Em 2018 eu fui campeã e 2019 eu tive que defender o título, e também fui campeã. Mas, foi sempre pensando que todo mundo estava me marcando. Fiquei muito feliz por ganhar, e é um pouquinho difícil, eu vou pensar que eu tenho que defender o título. Isso é difícil. É difícil porque vou pensar como eu ganhei uma prova, antes dessa prova alguém já tinha ganhado então, ele estava pensando em defender o título e eu consegui ganhar. Então eu agora estou pensando em defender o título e alguém está pensando em ganhar de mim. Isso é difícil. (Bélgica).

Acima, encontramos um relato que ilustra, de maneira muito clara, como o fato de estar sendo “notada” pode representar um peso a mais na hora da competição. Bélgica se percebe nessa troca de lugar, quando descreve que em 2018, ao ganhar a competição, estava apenas fazendo seu papel, se empenhando em dar seu melhor e conquistar o primeiro lugar. No entanto, em 2019 não tinha apenas a missão de fazer seu melhor para uma boa corrida, precisava assumir

o papel defensivo também. O título era dela, os olhares estavam todos sobre ela, o que tornava a experiência de pedalar ainda mais difícil.

Quando você está com tempo muito longe da liderança, você se sente mais solto no pelotão. Ou quando você não está brigando pela geral, então isso aí te deixa mais relaxado, tira um pouco atenção e você consegue fazer uma prova melhor, você consegue raciocinar melhor na prova né? Você para e você presta melhor atenção de como que vai fazer, onde que dá para fazer um ataque, por exemplo, onde que vai definir a prova. Quando não tem muita gente de olho em mim, quanto tá o pelotão grande, eu consigo fazer uma prova mais tranquila, eu consigo me posicionar melhor, eu consigo pensar melhor até de como agir. (Reino Unido).

Reino Unido chega a dizer que o fato de estar “longe da liderança” e, conseqüentemente, do peso disso, lhe permite fazer uma prova com mais atenção, mais tranquilidade, com mais possibilidades de se posicionar melhor. O fato de não ter que se ocupar em pensar que estaria sendo marcado faz com que ele desenvolva recursos necessários para ter chances de ganhar.

O fato do outro comparecer como uma preocupação é, aqui, segundo os atletas, claramente negativo, uma vez que acaba gerando um gasto de energia, que poderia estar sendo empregada em outras demandas na busca da vitória. Essa percepção de que se estiver invisível é mais fácil, ao invés de servir como uma maneira de autoproteção, aparece como algo com o que eles têm que lidar e que afeta as decisões que podem levá-los à derrota ou à vitória.

O desafio psicológico aqui, passa por se dar conta dessa bagagem extra e tomar decisão de, ao invés de sofrer com ela, usá-la como um recurso a mais. É uma maturidade que eles vão ganhando ao aprender a ser vistos, ao aprenderem a ser os alvos, entendendo que podem usar isso a seu favor.

Eu já sabia que as meninas iam me marcar e a gente fazia a tática em cima disso. Era bem legal. Porque você sabe que quando está sempre marcada, tudo que fizer vai interferir na corrida toda, geralmente, se você não está sendo marcada, o que você faz, não tem diferença, ninguém vai atrás de você. Por exemplo, se eu estou sendo marcada e dou um ataque, só consigo ir atrás de mim quem está forte, e já separa pelotão. Já é uma tática de corrida. (Eslovênia).

O fato de já saber que seria marcada, devido ao seu bom desempenho na competição, serviu à Eslovênia como uma estratégia para corrida. Ela, consegue se aproveitar desse fato, que para os outros atletas, inicialmente, parece mais um peso do que uma vantagem. Ao entender que ser marcada não é apenas uma pressão, mas uma condição que define o comportamento de quem marca, ela ganha um novo recurso para enfrentamento.

Interessante perceber que, apesar dessa condição da existência do outro aparecer de maneiras diversificadas nos relatos, estas não são contraditórias, são apenas lados diferentes

desse mesmo fenômeno: a condição de estar marcado e não estar marcado, apreendida e vivida de diferentes maneiras. Eslovênia aproveitou-se do fato de estar sendo marcada para abrir uma vantagem na corrida, levando em uma fuga apenas as atletas que estariam em melhores condições para alcançá-la e, assim determinando o ritmo da prova.

...quando eu estava sozinha, eu fazia os treinos, mas não sabia se eu estava melhorando ou não, porque não tinha ninguém para comparar. (Austrália).

Austrália, que em sua experiência passou por épocas em que corria e treinava sozinha, aponta o quanto a falta de oponentes tornava mais difícil o processo de evoluir, uma vez que ela não era desafiada a competir com ninguém.

Paulatinamente conquistada, essa maturidade significa entender que o que antes se apresentava apenas como uma dificuldade, pode e deve ser encarado como um recurso necessário para a realização de uma boa corrida.

Já França, utilizando-se de sua experiência como ciclista, já entendeu que perceber como o outro está é fundamental para ter sucesso na modalidade. Sempre “estando de olho”, ela conta que fica atenta à maneira que o adversário está reagindo, se aparenta nervosismo, se está fazendo força. E vai além, conta ser necessário certa malícia para entender se o que está vendo não passa de uma artimanha para ser enganado, ou se condiz com a realidade. Ela traz até um exemplo de uma estratégia que usou para averiguar se de fato o adversário está cansado ou se está fingindo:

Eu, como ando há bastante tempo e tudo, no jeito da pessoa andar você sabe se ela é forte. No jeito que ela reage, tipo assim, se olha na cara da pessoa e ela está lá, fazendo força, fazendo força lá no pelotão você sabe que ela está sofrendo e você está de boa, você já percebe que ela não está tão bem treinada, aí já dá pra ver. Só que tem forte que finge. Tipo assim, a pessoa tá bem, mas tá ali fazendo careta, fraco. Teve vez de a gente estar ali junto e você falar para a pessoa puxar e a pessoa faz cara feia, tipo ‘tô cansado’. Aí você dá uma acelerada assim e a pessoa vem junto, você fala, ah, tava cansado né. Aí começa a loucura, um pra cima do outro. Sempre tem que ficar de olho, pedalar com o cara, o jeito que ele está reagindo, se ele está nervoso, se ele não está. Tudo conta. (França).

Ler o adversário! Bélgica sabe que o momento da corrida é apreensivo. Ter que estar preparado para os olhares que estarão sobre ele já é um desconforto, mas inverter os papéis e passar a decifrar o outro, se faz necessário para uma boa corrida. E essa leitura depende de olhar para o outro e de traduzir o que está vendo para gerenciar sua atitude: “fico pensando se ele

desceu mais colocou uma marcha mais pesada, talvez ele esteja com fadiga nas pernas”. Contudo, também adverte para a possibilidade, e dificuldade que isso acarreta, do adversário estar tentando enganá-lo, o que intensifica a importância de “ficar bem atenta com isso.”

Na corrida é já aquela tensão, você tem que ficar esperto, saber ler o seu adversário, saber se ele está bem se ele tá mal. Eu fico pensando se ele desceu mais colocou uma marcha mais pesada, talvez ele esteja com fadiga nas pernas e aquilo já entra na minha cabeça. É complicado ler o adversário, porque ele pode estar cansado, mas está fazendo uma cara de quem está ali, tranquilo. Então é complicado saber isso. Tem que ficar bem atento com isso. (Bélgica).

É a base elementar da intersubjetividade, a base afetiva, também chamada intercorporeidade: ser marcado pelo outro, mas, também precisar prestar atenção no outro, como ele está, o que está mostrando. A empatia aparece aqui, agindo de maneira que lhes permite tomar decisões. Conhecer para decidir, conhecer-se para decidir, e, principalmente, dar-se conta das condições do outro para decidir como agir.

Podemos ver aqui, como essas vivências corporais por meio da autoexperimentação fazem ainda mais sentido quando estão em interação com outros corpos em ação, isto é, as pessoas que não fazem declarações de intenção, antes, podem dissimulá-las, fazendo crer um estado de cansaço ou vigor que não corresponde à capacidade de fato.

4.5 Corporeidade

A partir dos relatos já obtidos nas entrevistas, foi possível começar a entender que os ciclistas se desenvolvem não apenas na medida em que vão se apropriando de ensinamentos e conhecimentos a cerca deles mesmos, mas à medida em que esses são conhecimentos de si mesmos, nascidos em si mesmos. Contudo, essa aquisição não se dá de maneira óbvia, é preciso que, além da participação de uma equipe que os ajude, eles mesmos experienciem na prática, em seus corpos, para que aquelas informações possam, de fato, fazer sentido a eles.

O conhecimento de seus corpos, seu funcionamento, habilidades e controle, como já vimos, são um grande diferencial em uma carreira que exige detalhes para se distinguir dos demais. Eslovênia, em um relato muito objetivo e claro, demonstra como “foi aprendendo a se conhecer”. Ela nos traz uma descrição de seu entendimento sobre a sua pedalada, base de sua prática, através da sua experiência de dor. “Quando eu vejo que tô cansando e vejo que vou afogar, eu me obrigo a usar o outro músculo”. Mais do que a instrução, ela foi percebendo em

suas pernas como pode acionar “um revezamento” muscular enquanto está correndo, administrando melhor a fadiga e prolongando sua capacidade de continuar pedalando.

Eu fui me conhecendo. Eu já consigo usar músculos diferentes na perna, tem a parte da perna da frente, a coxa, e o posterior né? E é uma alavanca a *bike*. Então você consegue ou empurrar com mais força ou puxar com mais força. Então quando meu posterior está cansado eu puxo com mais força, aí quando é a parte da frente que está cansada, eu empurro com mais força. Eu faço o posterior trabalhar. Tem que saber, senão não termina. Cansa demais. Todo mundo tem uma tendência de pedalar, a minha machuca muito minha panturrilha e meu posterior, então quando eu vejo que tô cansando e vejo que vou afogar, eu me obrigo a usar o outro músculo, que é a parte da frente da coxa. Eu me obrigo a fazer isso quando vou afogar. (Eslovênia).

O entendimento do funcionamento de seus próprios corpos, da sua fisiologia em ato, ajuda os atletas a se posicionarem em relação a sua capacidade de pedalar. Eles relatam que vão “testando, experimentando”, até entender sua particularidade, sua capacidade de ir além. Ao descrever que, no começo do pedal, a reação fisiológica natural da perna é inchar, França sabe que “cada pessoa tem seu tempo” para administrar esse fenômeno.

Ela tinha noção do funcionamento do corpo, da ideia de que é importante aquecer, mas esse conceito só deixou de ser uma abstração quando foi experimentando o tempo necessário para que sua perna e seu corpo respondessem ao conceito que tinha em mente. “Antes ela colocava tipo 20 minutos, aí eu comecei sentir as pernas, falava não, não está bem. Então coloca 30: aí eu já comecei a ver que estava, ali era bom para mim; é o mínimo que tenho que fazer, 30 minutos”. Não adianta só prescrição, a informação, é necessário a mediação de um conhecimento no corpo como uma experiência própria.

Eu cheguei ali estava com 20 minutos, que lá é perto da minha casa, aí eu comecei a subir e a perna já inchou. Ai, na segunda, terceira volta que eu comecei a subir, que deu uma melhorada, aí eu fiquei mais forte, a perna esquentou. E dá uma melhorada, começa a passar mais sangue na perna. Porque quando incha de uma vez, a perna não consegue fluir o sangue direito. Cada pessoa tem seu tempo, o meu eu sei que 30, 40 minutos. Eu descobri meu tempo treinando. Antes ele colocava tipo 20 minutos, aí eu comecei sentir as pernas, falava não, ‘não está bem’. Então coloca 30: aí eu já comecei a ver que estava, ali era bom para mim, é o mínimo que tenho que fazer, 30 minutos. (França).

Do ponto de vista da corporeidade, primeiro uma experiência da dor e do desgaste acontece, para depois, um certo entendimento prático de que essas sensações são passageiras ou podem ser evitadas vai tornando a ação mais eficaz.

Outros dois atletas, Reino Unido e Itália, trazem o relato de como foi preciso chegar aos seus limites, e até passar deles, para que um conhecimento pudesse ser incorporado. Reino

Unido seguia a instrução de treinar forte à risca, mas não percebia que deveria estar atento ao que seu corpo dizia. Treinava tanto, investia tanta energia nessa etapa, que, ao chegar nas corridas, seu rendimento ficava comprometido. Chegava nas competições cansado e muitas vezes até doente. Todavia, ele mesmo nos conta como foi essa mudança: “então, foi quando eu comecei a pensar melhor e respeitar meu limite, senão eu não ia ter resultado”. Pensar melhor e se respeitar, escutar o organismo, entender como no corpo dele acontecia esse processo. Não é só uma capacidade muscular do aqui e agora. Tem a ver com uma capacidade de persistência, de investir em se conhecer no tempo, fazendo conexões entre diferentes momentos e suas consequências.

Tem um problema que eu sempre cometia, eu chegava, eu atingia meu pico de performance antes das provas e continuava treinando. Eu queria aproveitar aquele tempo para treinar, mas aí eu chegava na corrida com a resistência lá embaixo, gripado. Todo mundo falava, ‘nossa, só fica gripado’, mas é que eu atingia meu pico de performance e continuava treinando. Mas agora não, agora é mais tranquilo, tanto que é não ficava mais gripado. Então, foi quando eu comecei a pensar melhor e respeitar meu limite né? Senão eu não ia ter resultado. (Reino Unido).

Itália teve que viver uma experiência marcante, a de ‘quebrar’. “Eu comecei muito forte sabe, não fui me preparando”. Ela fala que, apesar de saber o que deveria fazer, se afobou e acabou usando todas suas forças em uma hora imprópria da corrida o resultado veio da pior maneira. Além de passar muito mal, abandonou a corrida logo na primeira volta.

Eu comecei muito forte, sabe? Não fui me preparando e colocando no pelotão, assim, como todo mundo fala que tem que ser. Não, eu comecei e já bum! Chegou na primeira volta e eu explodi, eu aí eu passei mal... acho que isso me marcou bastante, eu parei na primeira volta e comecei a passar mal, não conseguia parar em pé, daí acho que isso me marcou, por eu ter ficado muito ansioso e na hora que começou eu ter dado tudo de mim, na primeira volta, ao invés de me organizar no pelotão e escolher a hora certa de ir. Isso me marcou, eu sabia disso, mas não fiz. (Itália).

A ideia de puro esforço, achar que seria apenas sair, pedalar e ganhar, que normalmente acompanha os ciclistas em seu início de carreira, vai sendo, aos poucos substituída pela ideia de que se faz necessário esse conhecimento muscular, uma aprendizagem no próprio corpo, um saber palpável para eles. Conhecimento corporal, experiência e posicionamento em relação a isso. Aprender a conhecer seus sinais, aprender a esperar, aprender a aquecer, a lidar com coisas que não são da simples ordem do esforço, por maior e mais expressivo da vontade que seja este esforço, mas são coisas que fazem um conjunto a ser entendido e agido como tal.

Eles têm as instruções, as prescrições daqueles que os instruem na equipe, mas é no momento que estão vivendo a ação, que acontece a possibilidade de fazer essa conexão: concatenar o entendimento e a experiência do corpo vivido, estimar a relação mais acertada de uma dupla esfera do corpo, a afetiva – a esfera sensível do que se passa com o corpo – e a operativa, conduzindo a uma mudança de percepção para a capacidade. O aprendizado, o avanço ou a maturidade no esporte tem a ver com interpretar o que eles sentem fisicamente e tirar consequências disso para seus desempenhos. Isso se passa na prática, no movimento, nas experiências sucessivas, em tentativas, erros, melhorias sem as quais as frustrações derrotariam a formação do ciclista profissional. O que esse saber corporal enuncia é que não basta falar ou explicar a respeito, é preciso viver, repetir a vivência, emulá-la perseguindo a melhor capacidade.

Bélgica nos presenteia com uma descrição muito clara de como a vivência dela foi a responsável por sua capacidade de entendimento. Enquanto a ideia do vácuo, uma técnica regularmente usada na modalidade, era apenas teórica, falada, da esfera discursiva, ela “não via diferença”. Foi apenas quando, em uma atividade despreziosa, em uma descida com seus amigos, ela, que estava à frente, “fazendo força, pedalando forte”, notou que seu companheiro de treino estava posicionado logo atrás dela, sem fazer quase esforço nenhum:

Eu aprendi o vácuo com meus amigos que treinavam comigo. Eles falavam que quem andava atrás, andava descansando, mas [eu] não via diferença. Até que, em uma descida eu estava puxando, estava fazendo força, pedalando forte e meu amigo atrás de mim, descansando, sem pedalar sem nada. Aí eu fiquei pensando, ‘como isso é possível? Eu tô fazendo força e ele andando junto comigo sem pedalar’. Aí que eu fui me tocar que realmente tem o vácuo. (Bélgica).

Imediatamente aquele conhecimento abstrato, o entendimento de que, quem se posicionar bem perto de outro ciclista, a ponto de quase não haver espaço entre eles, vai “se aproveitar da força do outro”, se tornou concreto. Ela viveu aquela experiência, sentiu aquela experiência e pode “se tocar” de que realmente o vácuo existe e, com ele, o trabalho de equipe passa pelos membros se aproveitarem, estratégica e coletivamente, da força de quem vai à frente rompendo a resistência do ar contra o corpo e, gregariamente, oferecendo o vácuo aos demais.

Descobrimo, aprendendo, sentindo. As experiências de sucesso, quando percebem o que fazer para postergar a fadiga ou não fadigar, quando descobrem seu tempo necessário para o aquecimento ter um efeito pretendido que nem era conhecido, quando se dão conta de seus limites, quando corporificam o entendimento do vácuo, são encadeamentos de novos comportamentos, novas aprendizagens, que oferecem novas e melhores decisões, ganhando em

complexidade, mas sempre remetendo ao elemento básico que é pedalar melhor, para tentar chegar na frente.

4.6 Ciclismo: muito além de pedalar

Todos os atletas, de uma certa maneira, trouxeram em suas falas um aspecto mais existencial que o ciclismo desperta neles. Um misto de sensações que os possibilita avançar, ir além. Ser potente e, em virtude disso, ser recompensado.

Você pode andar, ir longe, sozinha. É você, super, sua força... quando você sobe bem, fez força e subiu bem, você se sente forte, incrível. Aí, quando está descendo aquele ventinho gelado. É subir bem e ter prazer em descidas bonitas. (Eslovênia).

“É subir bem e ter prazer em descidas bonitas”. Eslovênia elucida muito bem essa possibilidade de fazer força e ser recompensada no próprio ato do pedal. Ali, em sua bicicleta, sozinha, ela descobre o poder do que faz, a fruição que pode ter em se engajar em sua capacidade própria. “Ir longe”, “é você, super, sua força”, ela nota e se apropria do controle de suas forças, do que a leva além. Uma experiência de liberdade, de se afastar de tudo, de ser só ela!

A percepção de que consegue mais se intensifica no deleite e no empenho do momento vivido, ainda que sofrido. França, que começou de uma forma mais insegura no ciclismo, nota essa mudança acontecer, quando em uma corrida importante, foi capaz de fazer um segundo lugar. Uma capacidade que antes não cabia em seus pensamentos, mas que a partir do momento que foi realizada, possibilitou a abertura desse processo de acreditar em si mesmo. “Eu fiz segundo, aí eu falei, ‘vixe, dá para eu começar a treinar e até ganhar isso daí’”. Após, sua entrega na corrida e de chegar mais longe do que podia supor, conquistou-se uma realização que mudou até sua relação com o esporte. Se antes ela dizia ser um esporte duro demais, agora, mesmo com a permanência da dureza, chega à conclusão de que “não tem mais como ficar sem andar”.

Eu comecei a perceber isso quando, em uma corrida em Igarapava, eu fiz segundo. Aí eu falei, ‘vixe, dá para eu começar a treinar e até ganhar isso daí’. E hoje eu sou apaixonada, hoje em dia não tem mais como ficar sem andar, tipo assim, essa semana vai ser descanso, você quer andar de bicicleta. (França).

“Mesmo que eu faça força e sofra... eu chego em casa mais leve”. Itália demonstra ter encontrado no esforço, até no sofrimento, a capacidade de transformar isso em felicidade, em descanso para os percalços do dia a dia. A sensação de conseguir um efeito positivo, derivado de seu esforço lhe garante uma sensação de satisfação e relaxamento.

Eu vou lá e nem me lembro do que eu tenho que fazer. Se eu estudei o dia inteiro e vou pedalar eu penso, ‘agora tô relaxando’. Mesmo que eu faça força e sofra, para mim é uma coisa boa, eu chego em casa mais leve. (Itália).

Empenho e desempenho, resultando em capacidade que se confirma na ação, encontram equivalência nessa sensação de liberdade, de felicidade, de satisfação que, inclusive, lhes permite se vincularem e se comprometerem ainda mais com o esporte.

É, competir uma prova que aos poucos, você fala assim, ‘nunca vou conseguir correr essa prova’, mas aos poucos você vai mudando sua realidade. Para você ver como aos poucos vai mudando sem você perceber, o ano passado a minha meta era conseguir ganhar o brasileiro. O brasileiro era a prova mais difícil que eu tinha corrido. Esse ano, (risos), a minha meta é conseguir chegar pelo menos entre os 10 aqui na Europa. E isso aos poucos. O ano passado eu nem imaginava correr fora, eu imaginava correr, eu corria em Minas Gerais e em São Paulo e “male má” em Goiânia. Agora correndo esse ano, eu já corri no Brasil, corri em Portugal, corri na Espanha e corri na França. Isso em um ano, aos poucos e tipo, por incrível que pareça, não caiu a ficha que eu tô aqui. (Bélgica).

Esse poder de perceber que pode, através de seu esforço, ir “mudando sua realidade”, proporciona para Bélgica uma realização incrível. Ela descreve como vai percebendo isso, notando que uma corrida bem-feita, abre portas para novas possibilidades. Inclusive a impele a aspirar metas cada vez maiores. “O ano passado a minha meta era conseguir ganhar o brasileiro. O brasileiro era a prova mais difícil que eu tinha corrido. Esse ano, a minha meta é conseguir chegar pelo menos entre os 10 aqui na Europa”. Evolução de provas, cidades e até continentes, trouxeram ela à compreensão de que seu empenho e dedicação confirmam as possibilidades efetivas de prosseguir, avançando em sua carreira.

O ciclismo é como se fosse uma escola. Você aprende, você sofre, você conquista, amadurece como pessoa, como atleta. (Países Baixos).

Coragem, porque ali em cima da bike você tem que ter coragem. A força, porque você tem que ter força, tem que ter garra para conseguir chegar... me ensinou que você não pode parar, sempre correndo atrás até conseguir. (Austrália).

De diferentes maneiras, os atletas entrevistados trouxeram os ganhos, as conquistas, as expansões de um modo de serem engrenados no mundo que os faz ciclistas. E só os faz ciclistas porque, ao se engrenarem, assentem com o desafio de se fazerem a si mesmos na ação de perseguir o alargamento de seus limites no engajamento recompensador de suas forças de vontade. A cada um deles, o ciclismo possibilitou experiências únicas de se desafiarem e descobrirem a satisfação de uma nova ultrapassagem de limites. Estar em relação com eles próprios, com seus corpos, suas dores, seus avanços e com o outro, provocou a aquisição de um modo de ser no mundo vivido por poucos, a bem dizer, carnalmente, apenas por aqueles que participam dessa comunidade de prática e insistem em não parar, mas estar “sempre correndo atrás até conseguir”.

5 DISCUSSÃO

Hoje em dia, não é difícil conhecer o traçado de um trajeto ciclístico, que pode ser feito com o uso de recursos eletrônicos como o GPS, permitindo detectar as distâncias, as inclinações e até ver, pelo computador, as imagens do caminho a ser percorrido. Pode-se também registrar, conhecer e usar para a tomada de decisões, em tempo real, dados fisiológicos por meio de instrumentos, como frequencímetros acoplados a relógios. Há escalas, como a de percepção de esforço, úteis para estimar o nível do desempenho ao longo do pedal. Não há, contudo, dispositivo eletrônico para conhecer como se passa a percepção do ciclista que segue o traçado e cumpre uma prova.

Entramos na dimensão mais propriamente humana do conhecimento, a do sujeito da ação ciclística, esfera a que uma Psicologia do Esporte de orientação fenomenológica pode se desafiar a conhecer. Se, por um lado, esse conhecimento é implícito à prática e “natural” para o ciclista, por outro, é justamente essa proximidade subjetiva de um saber também subjetivo que o torna um conhecimento fugaz, fugidio, desfeito à tradução em palavras. Por isso mesmo, esse conhecimento é tantas vezes apresentado e posto em prática como um saber objetivo e prescritivo, generalizado como um “dever ser”, isto é, um molde ao qual seguir. O fundamento desse saber é a relatividade subjetiva de experiências nomeadas e compartilhadas entre quem as vive, configurando-se como um saber de senso comum, pragmático e funcional. Se não se deve destituir a validade do senso comum, tanto mais aquela gerada no seio das comunidades de prática, o enfoque psicológico, propriamente científico, todavia, não pretenderia legitimá-la sem antes examiná-la. Mais ainda: embora as fontes originais para esses diferentes conhecimentos, o de senso comum e o psicológico, sejam as mesmas, isto é, as percepções de quem vive as experiências, seu acesso, sistematização e razão de ser são outros. Ambos são conhecimentos correlatos, paralelos, respectivamente de senso comum e científico, ou natural e fenomenológico. A diferença entre essas atitudes na relação do sujeito com o conhecimento fará com que, mesmo onde se constata a legitimidade do senso comum, haja atenção à sua situação, isto é, ao modo como o saber generalizado retorna e é aplicado à particularidade relativa com que cada pessoa vive fenômenos correspondentes a tais saberes. Para o bom manejo da aplicação desse conhecimento científico, depende a presença de um profissional de Psicologia do Esporte, cuja formação, como demonstram Matos e Barreira (no prelo), possibilita a reflexividade determinante para se lidar com a subjetivação, sem toma-la por objeto natural, como fazem outros profissionais, mesmo quando dominam saberes da área.

Abrimos essa discussão pontuando o tipo de conhecimento ora almejado e a lida com o mesmo, porque ambos formam a dupla injunção do desafio enfrentado por essa pesquisa. No que se refere à lida com esse conhecimento, antes do problema da especificidade profissional, trata-se de colhê-lo e descrevê-lo de modo a deslocá-lo do senso comum. No que tange ao tipo de conhecimento, o propriamente humano, trata-se de acessá-lo pelo único registro que o possibilita, o registro de uma comunicação humana que comungue das vivências intencionais constitutivas da percepção visada. Era, pois, necessário delimitar que percepção é visada. A isso se seguia a necessidade de planejar condições procedimentais que favorecessem a entrada num registro experiencial que não está à mão do pesquisador, mas tampouco está na ponta da língua do ciclista. Era necessário fazer aproximações sucessivas que, em meio a um conjunto geral de percepções infinitas que são vivenciadas pelos ciclistas, os conduzissem a expressar aquelas eleitas como determinantes para dar início a uma psicologia do ciclismo. O desafio procedimental está diretamente ligado à boa execução de soluções epistemológicas que vêm decorrendo das problematizações em torno da *escuta suspensiva*, bem como, no momento da análise, do *cruzamento intencional* (Barreira, 2017; Barreira & Ranieri, 2013; Martins & Barreira, 2021; Silva, Valério, Barreira, & Peria, 2022). Trata-se, portanto, de uma questão de ordem metodológica, nem estritamente técnica, como pode ser um procedimento, nem estritamente filosófica, como pode ser uma epistemologia.

O caminho percorrido pela pesquisadora, deslocando-se objetiva e subjetivamente de um lugar ativo na prática, enquanto psicóloga da equipe, para o de investigadora, exigiu que o conceito de escuta suspensiva fosse “seguido à risca”. Os anos de convivência e trabalho com essa equipe ciclística acarretam uma farta bagagem de saberes e conceitos interventivos que precisaram ser temporariamente cancelados a fim de não se sobreporem àquilo que deveria ser privilegiado na entrevista, isto é, o mergulho na experiência e a busca por sentidos expressivos do vivido em primeira mão por cada entrevistado.

Certamente esses pensamentos acompanharam todo percurso da pesquisa, desde a elaboração das perguntas para as entrevistas, durante as mesmas e até mesmo na parte das análises. Porém em busca de, efetivamente, identificar e compreender o objeto que buscávamos – as experiências e desafios psicológicos vividos pelos atletas – eles foram colocados de lado, e uma produção de dados nova e “intersubjetiva” pode acontecer. E, é válido pontuar, que essa maneira de manejar a investigação permitiu que começássemos a ocupar um espaço de olhar específico e comprometido com as particularidades e especificidades do ciclismo que, conforme vimos em nosso levantamento bibliográfico, encontra-se deficitário.

Agora, percorrido o longo caminho da pesquisa, já é possível enxergar a linha final. Sim, podemos afirmar que os resultados obtidos correspondem ao recorte posto no objetivo: identificar e compreender importantes experiências e desafios psicológicos de atletas de categoria de base, por meio de uma descrição mais precisa e específica de como os jovens ciclistas vivenciam a modalidade. Esses resultados também apontam para o acerto da estratégia metodológica utilizada, com duas entrevistas fenomenológicas possibilitando um acesso sucessivamente mais aprofundado às experiências dos atletas.

Esse tipo de entrevista, como já mencionado na metodologia, apresenta-se como uma estratégia de aprofundamento, buscando não só acessar e compreender a narrativa do que foi de fato vivido pelos sujeitos, mas, principalmente, almejando passar do significado conferido por eles mesmo ao campo de sua matéria prima, a esfera da experiência vivencial, lá onde falar se torna expressar o fenômeno (Amatuzzi, 2001; Barreira, 2017). Cada entrevistado reviveu e recontou suas experiências, em duas etapas: uma panorâmica e a outra marcada por enfoques específicos.

Cabe aqui ressaltar (e celebrar) o ganho extra obtido na utilização desse segundo momento de entrevista. Nele, os atletas voltaram a entrar em contato com situações trazidas em suas primeiras entrevistas, puderam experimentar uma nova oportunidade de reflexão e, agora também, de mergulho e elaboração de suas vivências. Suas falas, ao longo dessas segundas entrevistas, nos apontaram para como esse processo pode acontecer e, inclusive, ser, de alguma maneira, percebido por eles mesmos.

A maneira como essas segundas entrevistas foram estruturadas, com perguntas que os solicitassem a voltar a suas experiências uma terceira vez (a primeira vez: a experiência vivida propriamente dita; a segunda vez: a experiência revivida, contada na primeira entrevista; e a terceira vez: a ocasião da segunda entrevista), oportunizou um “dar-se conta” de suas evoluções e, ao narrar, eles puderam reconstruir e contactar esse processo de seu próprio desenvolvimento, de perceber como foram mudando e apreendendo. Essa produção permitiu que visualizassem melhor os recursos que têm e como aprenderam a usá-los, podendo, de fato, apropria-se dessa sua nova condição, nos levando, inclusive, a atribuir um caráter devolutivo a esse encontro.

Objetivamente, a formação de um atleta profissional de ciclismo pode ser mensurada por marcas em seus desempenhos que, gradativamente, confirmem sua competitividade em provas de elite. Para tanto, instrução adequada, trabalho em equipe, treinamento regular, planilhas de treino, bons equipamentos, repouso, orientação nutricional, participação em provas, investimento financeiro, são alguns dos fatores que podem ser elencados como indispensáveis – ou quase – para viabilizar uma trajetória de profissionalização.

Subjetivamente, os *habitués* do campo sabem bem que é necessário comprometimento, priorização, força de vontade, resiliência, motivação, concentração, entre outras qualidades psíquicas, para que os fatores objetivos sejam realizados. Todavia, se as planilhas de treinamento são preparadas com base em conhecimentos fisiológicos aplicados à periodização esportiva, se a prescrição nutricional é subsidiada no cálculo adequado de consumo energético, via de regra, a atenção à dimensão psicológica é intuitiva, baseada, sobretudo, em analogias com a experiência pessoal. Entretanto, enquanto planilhas e dietas adequadas cotejam conhecimento científico e individualização da prescrição, cotejamento que equivale a um processo de mediação e ajustamento necessário para a melhoria de desempenho almejada, por outro lado, a mediação psicológica para a qualificação subjetiva do ciclista acaba restando na arbitrariedade de analogias e recomendações dos técnicos e dos ciclistas mais experientes para os menos experientes.

Temos na literatura alguns exemplos de como isso vem acontecendo no mundo do ciclismo. Em seu livro, *Sport Psychology for Cyclists*, Saul Miller e Peggy Mill (1999) apresentam um programa de Psicologia do Esporte para ciclistas, produzido através de 8 sessões com ciclistas profissionais. Ao longo da leitura, podemos perceber que não se trata de fruto de uma pesquisa científica, mas de orientações tiradas da experiência desse psicólogo do esporte, que faz uso de técnicas e abordagens de certo conhecimento geral, sem olhar para as especificidades da modalidade. Certamente existe um valor nessas iniciativas, contudo, denota mais uma vez a lacuna de bibliográfica referente a um objeto como o proposto nesse estudo.

Trata-se aqui, tão somente, de constatar que, por mais que sejam ancoradas em experiências válidas e em bons conselhos – participando inclusive de um processo comunitário apontado pelos resultados como indispensável para o desenvolvimento da cultura pessoal na modalidade – existe uma lacuna de conhecimento científico e, muitas vezes, de mediação profissional para um cotejamento que individualize a atenção psicológica. Isso requer uma reflexividade sensível à subjetividade (Matos e Barreira, no prelo).

É raro – e um avanço para a equipe multiprofissional – haver o acompanhamento de uma psicóloga, como é o caso dos atletas ora entrevistados pela mesma profissional que os atende na equipe. Entretanto, se os recursos gerais da psicologia do esporte e da intervenção significam um avanço, há a constatação da carência de conhecimentos psicológicos específicos sobre o contexto de categorias de base no ciclismo.

Em sua produção recente, Phillips e Hopkins (2020), trouxeram uma síntese com os resultados existentes na literatura, anotando uma compreensão das dimensões e características do comportamento de ciclistas que podem contribuir para o aumento das chances de sucesso

em corridas. Em seus resultados, as características encontradas foram agrupadas em dimensões, que vêm de encontro com os resultados encontrados em nosso estudo. Características pessoais dos ciclistas, as dinâmicas interpessoais que cercam esses atletas, estratégias de conhecimento sobre provas, pistas e adversários foram usadas para tentar definir o que pode influenciar e proporcionar uma melhora de desempenho. Contudo, como já foi dito, parte das conclusões desse artigo, desponta a necessidade de novas pesquisas que levem em consideração todos esses elementos de uma forma mais unificada, para que essa interação possa ser melhor compreendida. Em grande medida, o que os autores concluíram como uma necessidade científica, é o que suprem as escolhas ora realizadas para investigar as experiências dos atletas: uma compreensão psicológica e pessoal ampla das especificidades dos desafios vividos nessa modalidade.

A revisão bibliográfica sugeriu que essa carência se estende também ao contexto profissional. Logo, ainda que haja um espaço profissional de mediação e de elaboração da dimensão subjetiva dos jovens dessa equipe, falta conhecimento psicológico solidamente embasado acerca da singularidade psicológica da condição de ciclistas, tanto profissionais como da base (Matos e Barreira, no prelo). Os desdobramentos práticos desse conhecimento dizem respeito à mesma possibilidade de cotejamento que fisiologia e nutrição esportiva já têm, resguardadas as importantes diferenças relacionadas ao trabalho na esfera da objetividade física e mensurável e ao trabalho na esfera da subjetividade psicológica, de registro qualitativo. Estes desdobramentos práticos, ainda que não sejam o objeto da pesquisa, são aquilo que a justifica, motivo pelo qual, ao final desta discussão, traremos algumas de suas possibilidades.

Como vimos, por se tratar de uma modalidade complexa, seu início de prática está associado a uma importante experiência comunitária. Essa participação efetiva do outro, apresentado por nossos entrevistados como familiares, treinadores, companheiros de equipe, patrocinadores, permite que eles possam não só adentrar no mundo das competições, como também, permanecer e continuar firmes no esporte. A considerar pelos relatos de nossos entrevistados, mas também pela suposição do impacto de sua ausência, a participação ativa, seja através de incentivos, colaborações, instruções e encorajamentos, proporciona uma assistência indispensável para que sejam capazes de se desenvolver e amplificar suas competências, inclusas as psicológicas, para a prática da modalidade. Vimos evidenciar-se como o fomento coletivo colabora e impulsiona a construção da atitude de atleta.

As experiências de treinos, descritas por nossos atletas, nos levaram a entender que são cruciais para que possam se conhecer, estabelecer seus limites e mais que isso, superá-los com a finalidade de progredir. Interessante notar que esse progresso pode ser relacionado à imagem

da engrenagem: à medida em que os resultados vão aparecendo e isso vai se mostrando satisfatório, engrena-se a um conhecimento prático, sensorial e cognitivo, uma totalidade perceptiva que é subjetivamente central para o modo como se aplicam num círculo virtuoso de engajamento e desempenho.

Conforme os atletas vão relatando suas experiências, podemos ir percebendo como os “aprendizados” vão sendo assimilados, ou melhor, desenvolvidos como lições extraídas de adversidades que passam a ser notadas sob a perspectiva nova de uma maneira peculiar de lidar melhor com as situações. O adversário aparece para eles, inicialmente, como uma distração e uma ameaça, uma presença incômoda que demanda um investimento de energia para ser “monitorado e estudado”, influenciando a maneira com que eles próprios se colocam na corrida. A ameaça de ser lido durante a prova e por isso se notar em desvantagem, passa a ser entendida como uma possibilidade de manejar maliciosamente os sinais para essa leitura. Isso se dá conjuntamente à capacidade que vai sendo adquirida de ler os adversários no que se refere a seu estado físico e intenções, bem como na percepção de que eles também podem enganá-los. Trata-se de uma maturidade, nem sempre verbalmente articulada, que vai sendo conquistada a partir de suas experiências.

Sabemos que conhecer sobre seus limites, aptidões, forças e fraquezas é uma condição importante para se efetivar uma evolução em diferentes áreas da vida contemporânea. Ao longo das falas de nossos atletas, confirma-se como é imprescindível desenvolver um autoconhecimento para progredir, também, no ciclismo. Sabidamente, o apoio e a instrução de treinadores e preparadores é fundamental para a construção de uma boa carreira, mas nossos ciclistas apontam para o quanto “experimentar em seus próprios corpos”, “conhecer seus funcionamentos fisiológicos e limites” se apresenta como a maneira, pela qual, verdadeiramente, ocorre uma conexão efetiva entre o que é ensinado e o que deve ser vivido de fato.

Ao nos desprendermos do que os atletas falam, passamos a ver o que constitui essa fala. Penetra-se a camada representativa, adentra-se o que é falado. Eles estão falando de avanços e conquistas, a direção ineludível de quem corre competitivamente, mas a fala não para aí: ela é a abertura ao que se apresenta como uma reorganização geral do modo de ser presente. De um objetivo inicial – pedalar e sair na frente –, passa-se a novos objetos, a uma percepção ampliada em que vários elementos conferem ao todo bem mais do que o ponto de partida e o ponto de chegada. A percepção do todo requer progressiva apropriação de novos objetos em vários momentos. Tudo isso para fazerem o que já sabem: pedalar – todavia, saber pedalar já não é mais o que já sabem.

Esse sujeito que assume um ponto de vista é o meu corpo como campo perceptivo e prático, enquanto meus gestos têm um certo alcance e circunscrevem, com meu domínio, o conjunto de objetos que são familiares para mim. A percepção é aqui compreendida como um todo que por princípio, não é captável, senão através de algumas de suas partes ou alguns de seus aspectos. A coisa percebida não é uma unidade ideal possuída pela inteligência, por exemplo, uma noção geométrica; é uma totalidade aberta para o horizonte de um número indefinido de visadas perspectivas, que se recortam segundo certo estilo, estilo que define o objeto de que se trata. (Merleau-Ponty, 2015, pp. 36-37).

Essa citação de Merleau-Ponty, nos permite entender como pode ocorrer essa mudança de organização. Os atletas relataram que em seus inícios de carreira, acreditavam que para serem bons ciclistas bastava pedalar forte para chegar em primeiro. Contudo, ao longo do percurso foram se dando conta de que essa “simples” ação só pode ser efetiva quando ganha novos relevos, contornos orgânicos e práticos que norteiam essa aquisição. A estrutura do comportamento não é, meramente, baseada em estímulo resposta, envolve uma percepção do ambiente. Inicial e operativamente, o ambiente não era percebido (ou, mais precisamente, expresso) mais do que como pegar a bicicleta, sair e pedalar. Posto no campo prático das experiências vividas, das orientações, observações, dificuldades, a totalidade ganha uma unidade multifacetada: alimentação adequada, treinamento, descanso, estratégias aprendidas, derrotas sofridas, melhorias de marcas, numa percepção cuja fruição e apego os engrena no mundo enquanto atletas de ciclismo.

Isso fica ainda mais nítido, quando relatam sobre suas experiências com o que, parece ser, a exaustão. Em todas as entrevistas, somos convencidos de que se trata de um esporte que os leva ao limite. “É muito sofrido”, “dói até os dentes de tanto fazer força”, “preciso parar”, “não vou aguentar mais” são algumas das muitas maneiras como chegam ao ápice do limite. Contudo, é justamente nessa hora que percebemos a luta para, não apenas resistir à extinção das forças, mas poder continuar. O desafio aqui, imposto aos nossos atletas, é o de captar essa capacidade de ir além, ainda que, em um primeiro momento, esteja encoberta pela extrema necessidade de ceder e descansar, e reestabelecer o ritmo e intensidade para continuar – é vencido à medida em que se mantêm em movimento e vão se apropriando dessa nova conquista.

Entretanto, fica claro que para haver o que estamos chamando de “nova Gestalt” não é suficiente haver o ensinamento, a fala – seja a de outrem ou a auto-fala –, a instrução, o sentido do que vem de fora, mas é necessário haver o preenchimento vivencial. Pode-se recorrer a Edith Stein (2021) para ilustrar essa ideia ao afirmar ser necessário que essa percepção do ambiente e com o ambiente nos afete a ponto de trazer uma modificação e que, ao mesmo, tempo haja

mudanças no externo, como uma modelação. É a corporeidade, que vai promovendo a formação de um modo de ser no mundo ancorado em suas possibilidades e dimensões de trocas.

O que pode ser considerado matéria estruturante para a alma é por ela acolhido em seu interior e dilata-se com ela. Assim, a alma cresce, torna-se rica e ampla, mas, ao mesmo tempo, ela cresce para que cresça o mundo para o qual ela olha compreensivamente e no qual ela pode intervir, modelando-o. (Stein, 2021 p. 115).

Stein (2021) pontua ainda que “não é apenas acolher e crescer, *mas organizar o que é acolhido*, para, então, modelar-se, formar a si mesma segundo um “molde” ou uma “imagem”, a fim de, para além disso tudo, intervir no mundo circundante e dar-lhe um ordenamento. Vemos perfeitamente isso, quando nossos atletas relatam que suas maiores aquisições se davam quando seus corpos experimentavam, na prática, o que muitas vezes tinha sido apenas ensinado.

Essas competências passam por suas experiências, por modificações de suas percepções, por exigências de engajamento e por suas dificuldades, isto é, presumem um desenvolvimento que não se resume ao treinamento físico e às conquistas de marcas nas provas, mas requerem conquistas subjetivas e somáticas que participam, ineludivelmente, como correlatos dessas conquistas objetivas.

Sabemos que o conhecimento científico está em constante progresso. Nas áreas da fisiologia do esporte, nutrição esportiva, aperfeiçoamento da dimensão tática e de equipamentos, essa atualização é contínua no mundo do ciclismo, proporcionando um gradativo avanço na busca de melhores resultados. Todavia, a respeito desse horizonte das experiências e desafios psicológicos dos jovens ciclistas, temos percebido que, em sua grande maioria, a literatura vem sendo apresentada com roupagens e terminologias mais quantitativas, apontando para uma latente necessidade de investimento em pesquisas que venham no sentido de tentar responder ao problema de facilitar o desenvolvimento de atletas crus, nas categorias de base, para que eles possam conhecer, compreender e desenvolver os recursos psicológicos necessários para chegarem com competência, equilíbrio e vigor nas categorias profissionais.

Nesse sentido, através do objetivo inicial de conhecer e compreender as experiências e desafios psicológicos de ciclistas de base, é possível começar a supor intervenções que, baseadas nesses resultados, possam dar suporte profissional a esses atletas em formação. Quando pensamos no tensionamento entre corpo objeto e corpo sujeito, na luta entre necessidade (de repouso) e capacidade (de agir), podemos perceber que habita aí a possibilidade de um refinamento da técnica corporal do atleta, permitindo uma melhoria em seu desempenho.

Esse mergulho na corporeidade, após todas as entrevistas terem sido realizadas e analisadas, nos possibilita avançar no sentido de oferecer recursos para uma Psicologia do Esporte mais atenta às singularidades dessa modalidade

Os conhecimentos que foram alcançados, por meio desse estudo, já podem nos servir como um repertório fecundo para pensarmos intervenções com esse público seletivo. Um detalhe importante a ser considerado aqui é que não basta ter acesso a esse conhecimento, é preciso um olhar atento às particularidades de cada atleta. Na equipe técnica, não é difícil imaginar que muitos dos profissionais que ali atuam até possuam alguma bagagem conceitual da Psicologia do Esporte. No entanto, o psicólogo aparece como responsável para atuar como mediador da “interpretação” do conhecimento entre o corpo objeto e a experiência, por sua capacidade de escuta diferenciada, em especial com o atleta, mas também na comunicação com técnicos e equipe técnica, operando também para tentar facilitar todas essas relações.

Dessa forma, podemos pensar em atendimentos individuais, em que o trabalho de estabelecimento de metas, motivação e periodização possa se atentar às especificidades já apontadas por eles, buscando os encaixes individuais, para frisarmos qual *coping* é mais adequado e eficaz para cada atleta. Sabemos que os desafios ligados ao ciclismo estão, quase sempre, relacionados a uma grande intensidade de força e resistência. Longas distâncias, esforço físico elevadíssimo e riscos. Todavia, conforme vimos nos relatos, todas essas adversidades aparecem cercadas de uma satisfação ligada aos avanços adquiridos, que no caso dessa modalidade, não estão só vinculados aos primeiros lugares no pódio, mas a essas conquistas individuais, que acontecem no dia a dia da prática. Isso nos levando a entender que a dureza desse esporte pode nos servir de aliada quando usamos, a favor do atleta, a capacidade de dividir os desafios em obstáculos menores e, mais do que isso, usar o júbilo dos pequenos momentos para alimentá-los ainda mais. Vencer a subida, para ser recompensado com uma descida.

Intervenções em grupos, aparecem aqui como ferramentas fundamentais para a busca de um bom desempenho. Por vezes já citado nessa pesquisa, o fato de o ciclismo ser considerado um esporte individual, faz com que todo planejamento seja pensado nessa condição. Equipes profissionais que, em sua grande maioria, mantêm seus atletas treinando separadamente para se encontrarem apenas para competir, demonstram um pouco dessa visão. Contudo, conforme a produção encontrada nas entrevistas, ficou claro como é importante olhar para a coletividade no ciclismo. Como vimos, o outro permeia muitas das oportunidades de evoluções. Além de construções das estratégias da equipe, nas quais cada ciclista exerce um papel, o fato de treinarem juntos se torna um campo fértil para trabalharem suas percepções a respeito do outro,

aprendendo a ler adversários, a como se mostrar para eles, além de ser estimulado a novos desafios.

Um trabalho personalizado junto aos técnicos, pontuando as maneiras de funcionamento de cada atleta, no sentido de promover uma comunicação mais eficiente em horas decisivas como, por exemplo, nos momentos em que os atletas, durante a corrida, vêm em busca de água. Ou mesmo ajudando toda a equipe técnica a pensar nos planejamentos de atuação de cada atleta ao longo de uma temporada. Entender os funcionamentos particulares que compõe os aspectos de um mesmo fenômeno permite essa atuação mais proveitosa.

Sabemos que a Psicologia do Esporte no Brasil tem avançado muito em conhecimentos teóricos e, principalmente em sua aplicação prática. Muitas outras modalidades já contam com excelentes profissionais, incluindo seleções, realizando um trabalho que tem feito diferença nos resultados e, principalmente, nos processos que levam a eles. Por isso, a finalidade prática dessa pesquisa resulta na possibilidade de unir a esses conhecimentos um olhar sobre a especificidade do ciclismo, para servir como subsídio para que outros profissionais da Psicologia do Esporte possam ocupar seus espaços na modalidade, para que possam ajudar não só na melhoria de desempenho, mas principalmente na construção de um espaço no qual o atleta seja olhado em sua totalidade.

Entendemos que todo o contexto no qual o ciclismo está inserido, pouca visibilidade e incentivos, que reflete nas escassas conquistas esportivas em nível internacional e, como em um carrossel que, na medida em que se move, não se sabe mais dizer onde é o começo e onde é o fim, os poucos resultados em competições deixam essa modalidade fora dos holofotes, acabam dificultando o bom desenvolvimento de equipes profissionais de ciclismo, em todas as suas categorias e da própria modalidade em si.

Por isso, como uma forma de tentar mudar esse cenário, acreditamos que oferecer recursos que privilegiem as especificidades dos praticantes do ciclismo, a fim de desenvolver competências que passem por suas experiências, por modificações de suas percepções, por exigências de engajamento e por suas dificuldades, se mostre como forma mais adequada de chegar a esse fim.

6 CONCLUSÃO

Quando nos dispusemos a buscar identificar e compreender as experiências e desafios dos ciclistas da categoria de base não imaginávamos que nos acharíamos diante de um cenário tão revelador. Muito mais do que tracionar o pedal, a fim de ganhar velocidade e cruzar a linha de chegada, os atletas, através de seus relatos, foram nos revelando estratégias e novas organizações conquistadas em suas vivências.

Ao longo dos resultados e no caminhar da discussão, mais do que evidenciar os sentidos comuns, presentes nas falas dos atletas, a comparação metódica das mesmas elucidou sua estrutura intencional, mostrando-as enquanto vivências constituintes desse horizonte apreendido como fenômeno. O processo de amadurecimento deles foi passando por uma inserção na complexidade do ciclismo. Desde o apoio e cooperação inicial de amigos, familiares e técnicos, até a conquista do exato controle muscular para aperfeiçoar a pedalada, eles foram se experimentando de modo a chegar ao limite da dor e da exaustão, para promover a passagem a um novo modo de viver o desafio do pedal.

O aprendizado tem a ver com interpretar o que eles sentem fisicamente, um conhecimento muscular, que precisa ultrapassar instruções e se passar na prática, no movimento. A bicicleta aparece não como um meio de transporte, mas como motivo mesmo para se transportarem, para provarem certa fruição de se deslocarem no mundo sendo deslocados de si pelo mundo e, através de suas insistências, desfrutarem de um regozijo ímpar.

Muito além de técnicas e instruções a serem meramente reproduzidas, fomos percebendo que o “ser ciclista” passa por essa percepção pessoal, essa noção de si próprio, para ser efetivo. Há um caminho a ser percorrido aqui, que vai no sentido de uma apropriação efetiva de seus corpos, suas percepções, suas sensações. Então, quando pensamos em formação de atletas, uma mediação psicológica que estimule a elaboração das experiências decisivas para o vir a ser ciclista tem potencial para colher muitos frutos.

Já conseguimos contemplar como, essas ricas descrições, podem nos orientar na organização de contribuições e recursos voltados a pensar em uma Psicologia do Esporte atenta, de fato, às particularidades do ciclismo. De posse desses conhecimentos, o psicólogo do esporte poderá assumir um papel de mediador, tanto entre o atleta e sua comissão técnica, quanto entre o atleta e ele mesmo, através da qualidade de sua escuta – que o diferencia de todos os demais integrantes de comissões técnicas – auxiliando nesses aprendizados, permitindo que essa formação enquanto atleta o contemple com uma atenção mais integral e integrada. Cuidado, respeito, escuta são norteadores de relação que comunga da adesão a um mesmo rumo: o

propósito de otimização esportiva. Na perspectiva adotada nesse trabalho, afinar a escuta com o horizonte de percepção ora descrito equivale a incrementar sua qualidade.

Cabe-nos pontuar como uma possível hipótese de limitação o fato de termos selecionado uma amostra pequena (9 atletas) e ainda, todos de uma mesma equipe. Entretanto, seria uma observação através de uma ótica estranha ao trabalho fenomenológico.

Já dissemos que a ideia da redução fenomenológica, indo na contramão de abordagens positivistas, mira um fenômeno e, ao invés de edificar constructos, regride, pouco a pouco, subtraindo, justamente, os dados subjetivo relativos mais particulares que situam pessoas, contextos históricos e sociais, a fim de colher as vivências intencionais estruturantes do fenômeno alvo, a ser compreendido. Pretensioso?

Sim, isso pode ser entendido e assumido como uma pretensão da abordagem fenomenológica, contrariando tanto lógicas naturalistas como historicistas. Todavia, a fenomenologia só assume essa pretensão por ter sido suficientemente clara em demonstrar os absurdos deterministas e relativistas, colocando-se o desafio de superá-los mediante a descrição da intencionalidade que reúne, na descrição do território das vivências, aquilo que outras epistemologias separam como subjetivo e objetivo. Assim, a ideia de uma análise rigorosa é a de desvelar a estrutura das experiências chegando a um resultado que, no caso, aplica-se a qualquer equipe de ciclismo, independentemente de quem sejam os atletas. Logo, aquilo que é situado - pessoalidade, historicidade e outras condições sociais - não se perde na descrição da vivência intencional, em razão da natureza mesma desta: se descrita com suficiente rigor, sua abrangência e penetração incidem sobre qualquer variação situacional, explicitando a plasticidade estrutural da intencionalidade. Assim, em se tratando de um território em que sujeito e objeto ainda não se separaram, a suposta desconsideração pela situacionalidade, aquela em que comparecem especificidades sócio-espaco-temporais e pessoais, só faz sentido quando se presume que as vivências são subjetivas e expurgam os elementos objetivos – o que é contrário à consciência transcendental da fenomenologia clássica. Uma leitura atenta das vivências intencionais, todavia, mostrará que elas entrariam em colapso se não fossem vivências de coisas do mundo, sendo, portanto, sempre que acontecem, correlativas a uma objetividade real e empiricamente situada.

Colocada sob a ótica do trabalho fenomenológico, a hipótese de limitação dos resultados ganha outro contorno. Houve uma escuta e uma fala abrangentes e profundas o suficiente para a análise apreender os elementos estruturantes? A análise foi tão rigorosa quanto a pretensão fenomenológica requer? O desenrolar da pesquisa com a confirmação dos resultados, entrevista a entrevista, lidas e relidas, para a análise e pós análise, deu razões para que essa tese seja

defendida¹⁵. Entretanto, essas são possibilidades de limitação que abraçamos como plausíveis e expomos ao escrutínio da comunidade especializada, de praticantes e pesquisadores da Psicologia do Esporte (e também da psicologia fenomenológica), que poderá criticar, contestar, apontar e contribuir para o aprimoramento daquilo a que se chegou até aqui. Desta comunidade, sem dúvida, também participamos nós, que seguiremos predispostos a corrigir e ajustar qualquer limitação dos resultados alcançados que o contato continuado de trabalho e pesquisa com esse público mostre ser procedente.

Entendemos que um interessante caminho para nos aproximarmos da essência intencional da experiência de ser ciclista começou a ser trilhado nessa pesquisa. Entretanto, há muito a ser investigado ainda, apontando aqui para a necessidade de novas pesquisas, com esse caráter qualitativo, que se aproximem das experiências vividas em outras condições empíricas, como a participação em outras equipes, em categorias profissionais e até com ciclistas amadores.

Um longo percurso foi percorrido até aqui. Da mesma maneira que nossos atletas foram nos mostrando que, em seus inícios, apenas sabiam (ou achavam que sabiam) o que deviam fazer, mas de fato não sabiam *como* fazer; eu fui me percebendo, enquanto pesquisadora, em situação similar. Conhecia ciclistas de base na prática, tinha meus pressupostos da maneira que eu entendia que as coisas funcionavam, mas era preciso chegar mais perto, para compreender *como* eles viviam a modalidade, para apreender suas vivências.

Durante os encontros (entrevistas) que foram acontecendo, um novo saber foi nascendo. Enquanto eles iam se dando conta de suas experiências, íamos abrindo juntos e pluralmente um vasto repertório de novas possibilidades de entendimentos e conquistas.

No decorrer das análises, a impressão que eu tinha possivelmente se aproximava da que eles mesmos descreviam quando falavam sobre subir uma longa e inclinada ladeira. Exaustão, frustração e vontade de parar me acompanhariam amargamente. Porém, ao começar a enxergar os cruzamentos entre as experiências e a maneira que se assemelhavam, apontando para a essência do pedalar esportivo na estrada, pude sentir aquela emoção do vento no rosto em uma descida merecida após tanto esforço.

Se, a princípio buscávamos pensar no desenvolvimento de recursos favoráveis à formação de atletas da modalidade, concluímos esse trabalho ousando um pouco mais: propomos o início de uma psicologia do esporte atenta e voltada aos desafios e particularidades

¹⁵ No momento em que essa pesquisa está sendo concluída e redigida, com a equipe agora inteiramente renovada, temos a chance de perceber como os resultados aqui obtidos vêm sendo confirmados nas experiências vividas e trazidas por eles.

do ciclismo e do ciclista, iniciante e veterano. Como um início, sabemos que tal proposta requer a investigação continuada e ampliada. Sendo assim, ao cruzarmos essa linha de chegada, entendemos que há muitas novas corridas a serem conquistadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allison, M. T., & Meyer, C. (1988). Career problems and retirement among elite athletes: The female tennis professional. *Sociology of Sport Journal*, 5(3), 212-222. <https://doi.org/10.1123/ssj.5.3.212>
- Amatuzzi, M. M. (2001). *Por uma psicologia humana*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2007). Experiência: Um termo chave para a Psicologia. *Memorandum*, 13, 08-15. Recuperado de <http://www.ufmg.br/~memorandum/a13/amatuzzi05.pdf>
- Andrade, C., & Holanda, A. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259-268. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Ângelo, L. F. (2019). Esporte de alto rendimento como escolha profissional. In K. Rubio, & J. A. O. Camilo (Orgs.), *Psicologia Social do Esporte* (pp.139-152). São Paulo, SP: Képos.
- Baker, N. (2004). Whose Hegemony? The Origins of the Amateur Ethos in Nineteenth Century English Society. *Sport in History*, 24(1), 1-16. <https://doi.org/10.1080/17460260409414732>
- Barreira, C. R. A. (2017). Análise fenomenológica aplicada a psicologia: Recursos operacionais para a pesquisa empírica. In M. Mahfoud, & J. Savian Filho (Orgs.), *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, psicologia, educação* (pp. 317-368). São Paulo, SP: Paulus.
- Barreira, C. R. A., & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: A entrevista como fonte de acesso às vivências. In M. Mahfoud, & M. Massimi (Org.), *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e pesquisa* (pp. 449 - 466). Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Barros, K. S. (2015). *“Nunca deixe de tentar”*: Compreendendo vivências de “ser atleta em transição” (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado de https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-07082015-150714/publico/barros_me.pdf
- Barthes, R. (1961/2009). O que é o Esporte? *Serrote (Instituto Moreira Salles)*, 97 – 105.
- Brandão, M. R. F., Akel, M. C., Andrade, S. A., Guiselini, M. A. N., Martini, L. A. E., & Nastás, M. A. (2000). Causas e consequências da transição de carreira esportiva: Uma revisão de literatura. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 8(1), 49-58.
- Brasil, V. Z., Ramos, V., Barros, T. E. S., Godtsfriedt, J., & Nascimento, J. V. (2015). A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. *Movimento: Revista da Escola de Educação Física*, 21(3), 815-829. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.50773>

- Brasil. (2022). PL n. 409/2022 de 25 de fevereiro de 2022. Aprova o Plano Nacional do Desporto. Câmara dos Deputados. Recuperado de <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2316624>
- Campos, C. (2003). Beating the bounds: The Tour de France and national identity. *The International Journal of the History of Sport*, 20(2), 149-174. <https://doi.org/10.1080/09523360412331305673>
- Côté, J. (1999). The Influence of the Family in the Development of Talent in Sport. *The Sport Psychologist*, 13(4), 395–417. <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>
- Epiphanyo, E. H. (2019). Psicologia sobre duas rodas: uma experiência de acompanhamento psicológico no ciclismo competitivo. In E. Conde et. al. (Orgs.), *Psicologia do Esporte e do Exercício: Modelos Teóricos, Pesquisa e Intervenção* (pp. 309-330). São Paulo, SP: Pasavento.
- Epiphanyo, E. H., & Batista, R. P. R. (2020). Por uma atuação em psicologia do esporte para além da performance. In J. A. O. Camilo, & K. Rubio (Eds.), *Trabalho e Esporte: precariedade, invisibilidade e desafios*. (pp. 295-316). São Paulo, SP: Laços.
- Gabarra, L. M., Rubio, K., & Ângelo, L. F. (2009). A Psicologia do Esporte na iniciação esportiva infantil. *Psicologia para América Latina*, 18. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2009000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Galvão, P. V. M., Pestana, L. P., Pestana, V. M., Spíndola, M. O. P., Campello, R. I. C., & Souza, E. H. A. (2013). Mortalidade devido a acidentes de bicicleta em Pernambuco, Brasil. *Ciências: Saúde Coletiva*, 18(5), 1255-1262. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000500010>
- Giglio, S. S., Morato, M. P., Stucchi, S., & Almeida, J. J. G. (2008). O dom de jogar bola. *Horizontes Antropológicos*, 14(30), 67-84. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200003>
- Giorgi, A. (2012). The descriptive phenomenological psychological method. *Journal of Phenomenological Psychology*, 43(1), 3–12. <https://doi.org/10.1163/156916212X632934>
- Gumbrecht, H. U. (2007). *Elogio da Beleza Atlética*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Hamer, L. J., & Almeida, C. F. (2015). O olhar do ciclista sobre o “lugar” e a “paisagem urbana” em busca da identificação dos postos de atratividade para as intervenções urbanas. In *XXIX Congresso Nacional de Pesquisa em Transporte da ANPET*, Ouro Preto, Minas Gerais. Recuperado de http://146.164.5.73:20080/ssat/interface/content/anais_2015/TrabalhosFormatados/AC1081.pdf
- Harkot, M. K. (2018). *A bicicleta e as mulheres: mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo, Universidade de São Paulo). <https://doi.org/10.11606/D.16.2018.tde-17092018-153511>

- Harwood, C. (2016). Doing sport psychology? Critical reflections of a scientist-practitioner. In M. Raab, P. Wylleman, R. Seiler, A.-M. Elbe, & A. Hatzigeorgiadis (Eds.), *Sport and exercise psychology research: From theory to practice* (pp. 229–249). Cambridge, MA: Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-803634-100011-X>
- Januário, J. A., Morbi, M. R., & Marques, R. F. R. (2019). A manifestação da herança familiar no campo esportivo: apontamentos preliminares entre posições e subcampos distintos. In G. Watanabe, & S. H. B. S. Leal (Orgs), *Educação, Ciências e Sociedade: Leituras bourdieusianas* (pp. 145-162), Araraquara, SP: Letraria.
- Leite, F. F., Pimenta, A. M., Gomes, A. P. M., Silva, I. B., & Silva, J. C. (2018). Corpo, Cultura e Movimento: Reflexões sobre a Motricidade Humana em uma Perspectiva Fenomenológica. *Revista Corpoconsciência*, 22(3), 58-73.
- Lessa, P. R. (2016). *O ciclismo da estrada como uma experiência estética: um olhar sobre o Tour de France* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná). Recuperado de <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42940/R%20-%20D%20-%20PRISCILA%20REQUIAO%20LESSA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Linhales, M. A. (1996). *A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos* (Dissertação de Mestrado em Ciência Política, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais). Recuperado de http://ppgcp.fafich.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=149
- Loudcher, J.-F., & Aceti, M. (2009). Le mythe Koblet/Kübler (1945-1964) : Entre le local et le global, une expression de la neutralité et de la modernité dans le cyclisme suisse. *Social Sciences and Sport*, 21(1), 55- 91.
- Loureiro, L. M. J. (2006). Adequação e rigor na investigação fenomenológica em enfermagem – Crítica, estratégias e possibilidades. *Referência*, 2(2), 21-32.
- Markunas, M. (2007). Psicologia do esporte no desenvolvimento do papel profissional de atleta. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), 1-13.
- Martins, F. B., & Barreira, C. R. A. (2021). Pesquisa empírica em fenomenologia: problematizações iniciais para um trajeto possível na investigação qualitativa. In E. S. Mendes (Org.), *Psicologia fenomenológico-existencial: Reflexões, método e intervenções clínicas, sociais e comunitárias* (vol. 1, pp. 30 - 42). Curitiba, PR: Editora Bagai (e-book).
- Mata, A. A. R. (2011). *Políticas públicas de esporte e lazer na cidade de João Pessoa/Paraíba: uma análise do ordenamento legal* (Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Universidade Federal da Paraíba). Recuperado de <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4642?locale=en>

- Matos, T. S. Q., Barreira, C. R. A. (no prelo). Processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e Coaches: um estudo fenomenológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*.
- Meira, T. B., Bastos, F. C., & Böhme, M. T. S. (2012). Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. *Rev. bras. educ. fís. esporte*, 26(2), 251 – 262. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200008>
- Merleau-Ponty, M. (2015). *O primado da percepção e suas consequências filosóficas* (S. R. Filho, & T. Martins, trad.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Miller, S., & Hill, P. M. (1999). *Sport Psychology for Cyclists*. VeloPress.
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological Research Methods*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Phillips, K. E., & Hopkins, W. G. (2020). Determinants of Cycling Performance: A Review of the Dimensions and Features Regulating Performance in Elite Cycling Performance. *Sports Med Open*, 6(23), 1-18. <https://doi.org/10.1186/s40798-020-00252-z>
- Rubio, K. (2000). *Psicologia do Esporte: Interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Salomão, R. L. (2018). *A experiência vivida por atletas de categoria de base: a cultura sob a ótica fenomenológica* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, - Universidade de São Paulo). Recuperado de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-15062018-143111/en.php>
- Salomão, R. L., Ottoni, G. P., & Barreira, C. R. A. (2014). Atletas de base de futebol: A experiência de viver em alojamento. *Psico-USF*, 19(3), 443-455. <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003007>
- Savioli, F. P., Medeiros, T. M., Camara Jr., S. L., Biruel, E. P., & Andreoli, C. V. (2018). Diagnostico da síndrome do *overtraining*. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 24(5), 391-394. <https://doi.org/10.1590/1517-869220182405185927>
- Seidman, I. (2013). *Interviewing as Qualitative Research: A guide for researchers in education and the social sciences* (4ª Ed.). Nova York: Teachers College Press.
- Silva, H. L. M., Valério, P. H. M., Barreira, C. R. A., & Maris, F. M. (2022). Personal positioning of oncology patients in palliative care: A mixed-methods study. *BMC Palliative Care*, 21(1), 34. <https://doi.org/10.1186/s12904-022-00916-5>
- Spindler, D. J., Allen, M. S., Vella, S. A., & Swann, C. (2018). The Psychology of Elite Cycling: A systematic review. *Journal of Sports Sciences*, 36(17), 1943 – 1954. <https://doi.org/10.1080/02640414.2018.1426978>
- Stambulova, N. (2003). Symptoms of a crisis-transition: a grounded theory study. In N. Hassemén (Ed.), *SIPF Yearbook 2003* (pp. 97–109). Örebro, SW: Örebro University Press.

- Stambulova, N. B. (1994). Developmental Sports Career Investigations in Russia: A Post-Perestroika Analysis. *The Sport Psychologist*, 8(3), 221–237. <https://doi.org/10.1123/tsp.8.3.221>
- Stambulova, N. B. (2016). Theoretical Developments in Career Transition Research: Contributions of European Sport Psychology. In M. Raab, P. Wylleman, R. Seiler, A.-M. Elbe, & A. Hatzigeorgiadis (Eds.), *Sport and exercise psychology research: From theory to practice* (pp. 251 – 268). Cambridge, MA: Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-803634-1.00012-1>
- Stambulova, N. B., Ryba, T. V., & Henriksen, K. (2020). Career Development and Transitions of Athletes: The International Society of Sport Psychology Position Stand Revisited. *International Journal of Sport and Exercise Psychology* 19(3), <https://doi.org/10.1080/1612197X.2020.1737836>
- Stein, E. (2021). A ideia de formação (E. P. Gianchi, & J. F. Filho, trad.). *Revista Filosófica São Boaventura*, 15(2), 111-126.
- Taylor, J., & Kress, J. (2005). Psychology of Cycling. In J. Dosil (Ed.), *The Sport Psychologist's Handbook: A Guide for Sport-Specific Performance* (pp. 325-350). West Sussex, UK: Editorial John Wiley & Sons Chichester.
- Troncoso, L. D. M., Arévalo, S. A. T., & Manfiolete, S. S. T. R. D. (2019). Procesos educativos vivenciados por cicloactivistas en la promoción del ciclismo urbano. *Motricidades: Revista da Sociedade de pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana*, 3(1), 3-16. <https://doi.org/10.29181/2594-6463.2019.v3.n1.p3-16>
- Vannuchi, M. T. (2017). *Construção da carreira em surfistas profissionais brasileiros* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-02102020-003142/es.php>
- Veloso, E. L. (2010). Ciclismo e cultura: Anotações sobre os usos da bicicleta. In *V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte* (trabalho completo), UIVALI, Itajaí (SC) entre 23 e 25 de setembro de 2010. Recuperado de <http://congressos.cbce.org.br/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/viewFile/1920/1021>
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício* (6ª. Ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Wenger E. (2010). Communities of Practice and Social Learning Systems: The Career of a Concept. In C. Blackmore (Ed.), *Social Learning Systems and Communities of Practice* (pp. 179 – 198). Londres, UK: Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-84996-133-2_11
- Wenger-Trayner, E., & Wenger-Trayner, B. (2015). *Communities of practice a brief introduction*. Wenger-Trayner. Recuperado de <https://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice>
- Wylleman, P., & Rosier, N. (2016). Holistic Perspective on the Development of Elite Athletes. In M. Raab, P. Wylleman, R. Seiler, A.-M. Elbe, & A. Hatzigeorgiadis (Eds.), *Sport and exercise psychology research: From theory to practice* (pp. 269 – 288). Cambridge,

MA: Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-803634-1.00013-3>

ANEXOS

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados pais e/ou responsáveis pelo atleta, seu filho(a) está sendo convidado a participar da pesquisa “Dimensões psicológicas em equipe de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre suas particularidades” que será desenvolvida pelo Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (EEFERP- USP) e pela pesquisadora assistente Thais Petroni Rocha Lima Silva, estudante de pós-graduação pela FFCLRP- USP. A presente pesquisa tem como objetivo identificar e compreender, sob uma perspectiva fenomenológica, a partir de relatos em primeira pessoa, as experiências e os desafios psicológicos vivenciados por atletas de categoria de base do ciclismo. Os resultados desse estudo podem contribuir para o aperfeiçoamento da atuação de profissionais de Psicologia do Esporte junto a ciclistas e possibilitar um olhar mais cuidadoso nas circunstâncias de preparação da base que, futuramente, poderá favorecer o desenvolvimento de um programa de profissionalização e de renovação dos atletas da equipe profissional.

Serão realizadas duas entrevistas com cada atleta. Uma inicial que será uma conversa não diretiva, buscando conhecer um pouco sobre cada atleta e uma entrevista posterior que será realizada como algumas perguntas já formuladas e, alguns novas que possam surgir em meio a entrevista. As entrevistas serão gravadas em áudio e, posteriormente, serão transcritas para o desenvolvimento da pesquisa, e ao final da pesquisa serão eliminadas. Trechos das entrevistas poderão ser usados em publicações, sem haver identificação do entrevistado. As entrevistas não têm duração fixa, mas usualmente se estendem por aproximadamente 25 minutos e serão áudio-gravadas para posterior transcrição e análise. Devido ao atual momento de pandemia, elas serão realizadas no ambiente virtual, através da ferramenta de comunicação SKYPE, de maneira individual com cada atleta. Dessa forma, a participação na pesquisa não implicará em qualquer custo para o atleta.

Dessa maneira, seu filho está sendo convidado a participar dessa pesquisa de forma livre e voluntária. Os riscos da pesquisa são mínimos, mas caso ele(a) se sinta desconfortável, constrangido(a) e não queira falar sobre algum acontecimento, não será obrigado(a) a continuar o relato. O estudo não pretende condenar ou julgar o que for relatado. Além disso, ele(a) tem total direito de interromper a entrevista quando quiser, sem que isso gere qualquer penalidade

para você. Caso as questões tratadas na entrevista despertem alguma mobilização nele(a), a pesquisadora responsável estará disponível para agendar novo encontro a fim de lidar com essas questões visando proporcionar os devidos acolhimentos e acompanhamento psicológico. A pesquisadora garante sua indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme as leis vigentes no país. Quando a pesquisa for concluída, caso solicite, você terá acesso a todos os resultados, discussões e conclusões. De imediato, os participantes não terão benefícios na pesquisa, todavia, é bastante comum que a oportunidade de refletir sobre acontecimentos vividos seja positivamente experienciada por quem concede esse tipo de entrevista. É direito de seu filho ter acesso à sua entrevista áudio-gravada ou transcrita quando achar necessário. O material da entrevista, tanto áudio-gravação, quanto transcrição, ficará armazenado em um local seguro, ao qual apenas a pesquisadora e pessoas autorizadas terão acesso e, será eliminado ao final da pesquisa.

Esse termo tem duas vias, uma ficará com os pesquisadores e a outra pertence a você. A identidade do(a) atleta será mantida em sigilo absoluto. Todas as informações obtidas por essa pesquisa são apenas para fins científicos (artigos científicos, apresentações acadêmicas, congressos, por exemplo). Qualquer informação contendo sua identidade não poderá ser acessada por pessoas leigas sem sua autorização oficial.

Como pesquisador principal, eu, Cristiano Roque Antunes Barreira, delego a Thais Petroni Rocha Lima Silva, pesquisadora assistente, a responsabilidade pela assinatura e condução do presente termo e firmamos e nos comprometemos a cumprir todo o procedimento descrito neste termo e, concomitantemente, da pesquisa.

Eu, _____, como o responsável do participante da pesquisa, declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre os

procedimentos, finalidades e objetivos deste estudo, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos.

_____, _____ de _____ de _____.

Nome por extenso

Assinatura

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Pesquisadora Assistente

Se tiver dúvidas relacionadas a este estudo, contate:

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo- USP

Fone: (16) 3315-0344/ 3315-8616

E-mail: crisroba@usp.br

Caso tenha dúvidas sobre os aspectos éticos da pesquisa, contate:

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP

Avenida Bandeirantes, 3900 – 14040-907, Ribeirão Preto – SP – Brasil

Fone: (16) 3315-0494

E-mail: cep09@usp.br

Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado responsável pela categoria de base da Equipe de Ciclismo de Ribeirão Preto, alguns atletas estão sendo convidados a participar da pesquisa “Dimensões psicológicas em equipe de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre suas particularidades” que será desenvolvida pelo Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (EEFERP- USP) e pela pesquisadora assistente Thais Petroni Rocha Lima Silva, estudante de pós-graduação pela FFCLRP- USP. A presente pesquisa tem como objetivo identificar e compreender, sob uma perspectiva fenomenológica, a partir de relatos em primeira pessoa, as experiências e os desafios psicológicos vivenciados por atletas de categoria de base do ciclismo. Os resultados desse estudo podem contribuir para o aperfeiçoamento da atuação de profissionais de Psicologia do Esporte junto a ciclistas e possibilitar um olhar mais cuidadoso nas circunstâncias de preparação da base que, futuramente, poderá favorecer o desenvolvimento de um programa de profissionalização e de renovação dos atletas da equipe profissional.

Serão realizadas duas entrevistas com cada atleta. Uma inicial que será uma conversa não diretiva, buscando conhecer um pouco sobre cada atleta e uma entrevista posterior que será realizada com algumas perguntas já formuladas e, algumas novas que possam surgir em meio a entrevista. As entrevistas serão gravadas em áudio e, posteriormente, serão transcritas para o desenvolvimento da pesquisa. Trechos das entrevistas poderão ser usados em publicações, sem haver identificação do entrevistado. As entrevistas não têm duração fixa, mas usualmente se estendem por aproximadamente 25 minutos e serão áudio-gravadas para posterior transcrição e análise. Elas serão realizadas no local de treinamento ou na sede da equipe, de acordo com a preferência de cada atleta. Dessa forma, a participação na pesquisa não implicará qualquer custo para o atleta.

Os atletas participarão dessa pesquisa de forma voluntária. Os riscos da pesquisa são mínimos, mas caso ele (a) se sinta desconfortável, constrangido(a) e não queira falar sobre algum acontecimento, não será obrigado(a) a continuar o relato. O estudo não pretende condenar ou julgar o que for relatado. Além disso, ele(a) tem total direito de interromper a entrevista quando quiser, sem que isso gere qualquer penalidade para você. Caso as questões tratadas na entrevista despertem alguma mobilização nele(a), a pesquisadora responsável estará disponível para agendar novo encontro a fim de lidar com essas questões visando proporcionar os devidos acolhimentos e acompanhamento psicológico. A pesquisadora garante sua

indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme as leis vigentes no país. Quando a pesquisa for concluída, caso solicite, você terá acesso a todos os resultados, discussões e conclusões. De imediato, os participantes não terão benefícios na pesquisa, todavia, é bastante comum que a oportunidade de refletir sobre acontecimentos vividos seja positivamente experienciada por quem concede esse tipo de entrevista. É direito do atleta ter acesso à sua entrevista áudio-gravada ou transcrita quando achar necessário. O material da entrevista, tanto áudio-gravação, quanto transcrição, ficara armazenado em um local seguro, ao qual apenas a pesquisadora e pessoas autorizadas terão acesso.

Esse termo tem duas vias, uma ficará com os pesquisadores e a outra pertence a você. A identidade do(a) atleta será mantida em sigilo absoluto. Todas as informações obtidas por essa pesquisa são apenas para fins científicos (artigos científicos, apresentações acadêmicas, congressos, por exemplo). Qualquer informação contendo sua identidade não poderá ser acessada por pessoas leigas sem sua autorização oficial.

Como pesquisador principal, eu Cristiano Roque Antunes Barreira, delego a Thais Petroni Rocha Lima Silva, pesquisadora assistente, responsabilidade pela assinatura e condução do presente termo e firmamos e nos comprometemos a cumprir todo o procedimento descrito neste termo e, concomitantemente, da pesquisa.

Eu, _____, como o responsável pela categoria de base da Equipe de Ciclismo de Ribeirão Preto, declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos, finalidades e objetivos deste estudo, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos.

_____, _____ de _____ de _____.

Nome por extenso

Assinatura

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Pesquisadora Assistente

Se tiver dúvidas relacionadas a este estudo, contate:

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo- USP

Fone: (16) 3315-0344/ 3315-8616

E-mail: crisroba@usp.br

Caso tenha dúvidas sobre os aspectos éticos da pesquisa, contate:

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP

Avenida Bandeirantes, 3900 – 14040-907, Ribeirão Preto – SP – Brasil

Fone: (16) 3315-0494

E-mail: cep09@usp.br

Anexo C - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Prezado atleta, você está sendo convidado a participar da pesquisa “Dimensões psicológicas em equipe de ciclismo: um estudo fenomenológico sobre suas particularidades” que será desenvolvida pelo Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (EEFERP- USP) e pela pesquisadora assistente Thais Petroni Rocha Lima Silva, estudante de pós-graduação pela FFCLRP- USP. A presente pesquisa tem como objetivo identificar e compreender, sob uma perspectiva fenomenológica, a partir de relatos em primeira pessoa, as experiências e os desafios psicológicos vivenciados por atletas de categoria de base do ciclismo. Os resultados desse estudo podem contribuir para o aperfeiçoamento da atuação de profissionais de Psicologia do Esporte junto a ciclistas e possibilitar um olhar mais cuidadoso nas circunstâncias de preparação da base que, futuramente, poderá favorecer o desenvolvimento de um programa de profissionalização e de renovação dos atletas da equipe profissional.

Serão realizadas duas entrevistas com cada atleta. Uma inicial que será uma conversa não diretiva, buscando conhecer um pouco sobre cada atleta e uma entrevista posterior que será realizada como algumas perguntas já formuladas e, alguns novas que possam surgir em meio a entrevista. As entrevistas serão gravadas em áudio e, posteriormente, serão transcritas para o desenvolvimento da pesquisa, e ao final da pesquisa serão eliminadas. Trechos das entrevistas poderão ser usados em publicações, sem haver identificação do entrevistado. As entrevistas não têm duração fixa, mas usualmente se estendem por aproximadamente 25 minutos e serão áudio-gravadas para posterior transcrição e análise. Devido ao atual momento de pandemia, elas serão realizadas em ambiente virtual, através da ferramenta de comunicação SKYPE, de maneira individual. Dessa forma, sua participação na pesquisa não implicará qualquer custo a você.

Você poderá participar dessa pesquisa de forma voluntária. Os riscos da pesquisa são mínimos, mas caso se sinta desconfortável, constrangido e não queira falar sobre algum acontecimento, você não é obrigado a continuar o relato. O estudo não pretende condenar ou julgar o que for relatado. Além disso, você tem total direito de interromper a entrevista quando quiser, sem que isso gere qualquer penalidade para você. Caso as questões tratadas na entrevista despertem alguma mobilização em você, a pesquisadora responsável estará disponível para agendar novo encontro a fim de lidar com essas questões visando proporcionar os devidos acolhimentos e acompanhamento psicológico. A pesquisadora garante sua indenização diante

de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme as leis vigentes no país. Quando a pesquisa for concluída, caso solicite, você terá acesso a todos os resultados, discussões e conclusões. De imediato, os participantes não terão benefícios na pesquisa, todavia, é bastante comum que a oportunidade de refletir sobre acontecimentos vividos seja positivamente experienciada por quem concede esse tipo de entrevista. É seu direito ter acesso à sua entrevista áudio-gravada ou transcrita quando achar necessário. O material da entrevista, tanto áudio-gravação, quanto transcrição, ficará armazenado em um local seguro, ao qual apenas a pesquisadora e pessoas autorizadas terão acesso, e ao final da pesquisa será eliminado.

Esse termo tem duas vias, uma ficará com os pesquisadores e a outra pertence a você. A sua identidade será mantida em sigilo absoluto. Todas as informações obtidas por essa pesquisa são apenas para fins científicos (artigos científicos, apresentações acadêmicas, congressos, por exemplo). Qualquer informação contendo sua identidade não poderá ser acessada por pessoas leigas sem sua autorização oficial.

Como pesquisador principal, eu Cristiano Roque Antunes Barreira, delego a Thais Petroni Rocha Lima Silva, pesquisadora assistente, responsabilidade pela assinatura e condução do presente termo e firmamos e nos comprometemos a cumprir todo o procedimento descrito neste termo e, concomitantemente, da pesquisa.

Eu, _____, como voluntário da pesquisa, declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos, finalidades e objetivos deste estudo, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos. Tenho ciência de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento durante a entrevista.

_____, _____ de _____ de _____.

Nome por extenso

Assinatura

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Pesquisadora Assistente

Se tiver dúvidas relacionadas a este estudo, contate:

Thais Petroni Rocha Lima Silva

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo- USP

Fone: (16) 3315-0344/ 3315-8616

E-mail: crisroba@usp.br

Caso tenha dúvidas sobre os aspectos éticos da pesquisa, contate:

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP

Avenida Bandeirantes, 3900 – 14040-907, Ribeirão Preto – SP – Brasil

Fone: (16) 3315-0494

E-mail: cep09@usp.br